



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DANIEL DIAS DE SOUZA

*USOS E POSSIBILIDADES DE PLATAFORMAS EDUCACIONAIS, NO CONTEXTO DA
COVID-19, COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE HISTÓRIA*

RIO DE JANEIRO

MARÇO / 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DANIEL DIAS DE SOUZA

*USOS E POSSIBILIDADES DE PLATAFORMAS EDUCACIONAIS, NO CONTEXTO DA
COVID-19, COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE HISTÓRIA*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientador(a): Prof. Dr. Fernando Castro

Linha de pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas – Produção e difusão de material útil ao Ensino de História.

RIO DE JANEIRO

MARÇO / 2024

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1- Breve Histórico de experiências audiovisuais educativas no Brasil e no mundo. 11	
1.1- Conceitos de educação à distância.....	11
1.2- Cronologia da educação à distância no Brasil e no mundo.....	15
2- Tempos Líquidos – Sociedade, tecnologia e o papel do professor no século XXI.....	36
2.1- Como a modernidade líquida e as novas tecnologias motivam mudanças na educação.....	36
2.2- História Digital, História Pública e as novas formas de produção e divulgação de conhecimento histórico.....	41
2.3- Desafios do século XXI – Políticas públicas, tecnologia e educação em meio a pandemia do Covid-19.....	46
3- Usos da plataforma do Polo Educacional Sesc no contexto da pandemia do Covid-19 e possibilidades posteriores.....	55
3.1- Alcançando alunos do Ensino Médio da Escola Sesc em todo o Brasil.....	55
3.2- Apoiando alunos de escolas públicas de todo o Brasil.....	64
3.3- Utilizando a Educação à Distância para a inclusão social e qualificação profissional na Educação de Jovens e Adultos por todo o Brasil.....	70
4- Considerações finais.....	75
5- Referências bibliográficas	78
6- ANEXO.....	83

“A educação não se reduz à técnica, mas não se faz educação sem ela. Utilizar computadores na educação, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Dependendo de quem o usa, a favor de que e de quem e para quê. O homem concreto deve se instrumentar com o recurso da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação.”

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus,

À minha esposa Cristiana, pelo apoio incondicional ao longo do curso compreendendo minhas ausências inevitáveis e me amparando e me animando quando eu precisava.

À minha filha Isabela, por ser minha principal motivação para seguir em frente nos desafios da vida.

Aos meus pais e demais familiares, pela formação e o incentivo ao longo da minha vida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da UFRJ, que com seus idealizadores, educadores e servidores vem derrubando os muros que há tanto tempo separavam a Academia e os profissionais da educação básica.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da UFRJ, por terem me proporcionado prazerosos momentos de debate e reflexão em aulas maravilhosas cheias de conteúdos, sensibilidade e saberes.

Ao meu orientador, professor Dr. Fernando Vale Castro, por sua paciência e objetividade, mostrando caminhos, abrindo portas e me mostrando aquelas que não valiam a pena serem abertas. Sem seu apoio e direcionamento esta caminhada não teria sido possível.

Aos meus colegas da turma do ProfHistória 2020. Nossa convívio, embora majoritariamente remoto, foi fundamental para compartilhar experiências e debates importantes para a realização desta dissertação.

Aos gestores, diretores, coordenadores, professores e demais funcionários do Polo Educacional Sesc, que possibilitaram através da minha vivência profissional e do acesso à um rico banco de dados realizar a minha pesquisa e o desenvolvimento do estudo de caso deste trabalho.

Obrigado a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desta caminhada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as possibilidades das novas tecnologias, principalmente videoaulas e plataformas educacionais, destacando seus desafios de aplicabilidade, em meio a uma sociedade em transformação social e tecnológica, no contexto do século XXI. Inicialmente, no sentido de traçar uma linha temporal dos recursos educacionais audiovisuais mais difundidos no Brasil e no mundo, essa pesquisa levanta uma breve cronologia mostrando o caminho percorrido nessa área até o cenário atual, onde o mundo passou a viver relações sociais completamente transformadas e marcadas por uma lógica líquida, onde a fluidez dessas relações interfere diretamente no ambiente escolar e no processo de ensino aprendizagem, seja ele presencial ou remoto, em especial no contexto da pandemia de COVID-19, provocando mudanças na forma com que os alunos enxergam o mundo e de como desejam aprender os saberes escolares. Dentro do contexto do Ensino da História e entendendo como os avanços tecnológicos do século XXI cooperam para a aceleração, intensificação e transformação do desenvolvimento social e pedagógico esse trabalho se propõe a ressaltar a importância da História Pública como forma de divulgar e reorganizar o papel da História e do Historiador em uma sociedade onde se produz, muitas vezes, sem um rigor historiográfico e sem método científico. Aproveita-se esse momento para abordar como esse conhecimento acadêmico pode ser mais efetivo e melhor aproveitado no espaço escolar, através da História Digital, adequando-se às transformações sociais e tecnológicas, porém nunca esquecendo o papel primordial do professor nesse processo. Pretende-se também traçar um retrato diverso e amplo dessas causas e efeitos a partir de dados levantados junto a estudantes do Polo Educacional Sesc, aproveitando-se da capilaridade dessa instituição em todo o Brasil.

Palavras-chave: plataforma; educação; história; tecnologia.

ABSTRACT

This work aims to analyze the possibilities of new technologies, mainly video classes and educational platforms, highlighting their applicability challenges, in the midst of a society undergoing social and technological transformation, in the context of the 21st century. Initially, in order to draw a timeline of the most widespread audiovisual educational resources in Brazil and the world, this research provides a brief chronology showing the path taken in this area up to the current scenario, where the world began to experience completely transformed and marked social relations. by a liquid logic, where the fluidity of these relationships directly interferes with the school environment and the teaching-learning process, whether in person or remotely, especially in the context of the COVID-19 pandemic, causing changes in the way students see the world and how they want to learn school knowledge. Within the context of History Teaching and understanding how the technological advances of the 21st century cooperate to accelerate, intensify and transform social and pedagogical development, this work aims to highlight the importance of Public History as a way of disseminating and reorganizing the role of History and the Historian in a society where production is often carried out without historiographical rigor and without scientific method. We take advantage of this moment to address how this academic knowledge can be more effective and better used in the school space, through Digital History, adapting to social and technological transformations, but never forgetting the primary role of the teacher in this process. It is also intended to draw a diverse and broad portrait of these causes and effects based on data collected from students at the Sesc Educational Center, taking advantage of the capillarity of this institution throughout Brazil.

Keywords: platform; education; history; technology.

INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS), dentro de um contexto de rápida disseminação geográfica do novo coronavírus (Sars-Cov-2), decretou a elevação do estado de contaminação ao status de pandemia. A partir desse momento o mundo, que já vinha enfrentando esse drama desde o ano de 2019, constatou que grandes mudanças aconteceriam na rotina de todas as pessoas. Em um primeiro momento imaginamos grandiosos impactos em todos os setores, mas poucas transformações foram tão profundas quanto na área de Educação.

Analizar este cenário, entendendo da melhor forma possível suas características, consequências negativas e seus aprendizados, me motivou a escrever este trabalho tendo como pano de fundo todo esse contexto. Viver na prática esses impactos, desde as primeiras medidas restritivas e protocolos de saúde até a declaração oficial do fim do estágio pandêmico, tanto como estudante de Mestrado, que teve suas aulas presenciais suspensas, quanto como professor, que teve que elaborar aulas e materiais *on line*, me fez ter uma visão bem ampla sobre as interferências da pandemia no âmbito educacional e pode me estimular a escrever sobre essa experiência em seus diferentes níveis, práticas e possibilidades.

Dessa forma essa foi a minha grande motivação, tentar entender e descrever, a partir da minha vivência, dos conhecimentos adquiridos no mestrado e nos dados e experiências que tive acesso, um recorte sobre ensino remoto, Educação à Distância, plataformas educacionais e recursos tecnológicos e didáticos possíveis tanto em um contexto emergencial pandêmico quanto em um cenário educacional regular que se apoia nas ferramentas disponíveis para ampliar o acesso à Educação. Ademais é importante destacar que tudo isso ocorre em uma conjuntura de transformações nas relações sociais caracterizada pelos laços frágeis e pelo distanciamento afetivo tradicional, que encontra caminhos em um momento de pleno desenvolvimento tecnológico que cria novos códigos, posturas e relacionamentos afetando diretamente diferentes áreas tais como a Educação.

Pretendi começar este trabalho fazendo um breve histórico das experiências audiovisuais educativas no Brasil e no mundo, no sentido de entender permanências e rupturas em relação ao cenário atual, entendendo o que pode ser redimensionado e aproveitado e o que já não cabe na atual conjuntura. Essa parte da pesquisa me revelou muitas propostas interessantes e inovadoras para suas épocas, utilizando os recursos disponíveis para promover a Educação à Distância. Gratas surpresas vieram à tona e pude então constatar e evidenciar o empenho destas iniciativas, inclusive mostrando o trabalho de várias instituições que até hoje trabalham com o mesmo modelo.

Em um segundo momento procurei fazer um recorte do contexto tecnológico e social que caracterizam o início do século XXI, em uma conjuntura que, segundo o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman argumenta, é marcada pela fluidez de uma sociedade líquida, onde os indivíduos tendem a considerar que a atitude mais racional é a de não se comprometer com o que seja. Naturalmente isso gera reflexos profundos no quadro educacional e no processo de ensino aprendizagem, fortemente baseados nas relações de afetividade e constância em suas práticas. Importante destacar que esse descomprometimento, no que tange à questão educacional, nem sempre é uma decisão consciente e racional, mas simplesmente fruto do meio em que se vive, como se vive e a que tipo de influência o indivíduo está suscetível. Sendo assim considerei importante analisa este aspecto psicossocial e suas consequências na Educação na virada do milênio.

Ao abordar essas questões e o meio torna-se fundamental entender a situação pandêmica, vivenciada especialmente entre os anos de 2020 e 2023, quando no dia 5 de maio, a Organização Mundial de Saúde declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), para perceber seus impactos no ambiente educacional. Trabalhando com dados emitidos pelos governos em âmbito federal, estadual e municipal, bem como com pesquisas realizadas por diferentes instituições particulares foi possível visualizar os reflexos, em diferentes regiões do Brasil, faixas etárias, étnicas e de gênero, dentre outros indicadores, da pandemia de

Covid-19, assim como tentar compreender as políticas públicas e ações de organizações não governamentais e privadas para mitigar esses efeitos.

Em meio a esse quadro pude observar o desenvolvimento de novas tecnologias neste mesmo período de virada do século XX para o século XXI e como que em certa medida, estas cooperam para a lógica de modernidade líquida, estimulando distanciamentos, mas, cabe ressaltar que com um direcionamento correto e propositivo, tal como qualquer ferramenta, estas poderiam ser úteis à Educação. Evidencia-se em nosso tempo a intenção de readequar essas tecnologias no sentido de se tornarem facilitadores do processo de ensino e aprendizagem e não distratores, tal como se mostram na atualidade.

A parte teórica relacionada ao Ensino de História neste trabalho também descreve como a propagação de conhecimento histórico se torna mais intensa com o uso das novas tecnologias gerando desvios, propostas e desafios para este campo. Dessa forma desde o final do século XX a História Pública foi se consolidando ao discutir a forma de propagar e ordenar o papel da História e do historiador em uma sociedade que em função do volume de produção, dentre outros aspectos, tende a produzir com falta de rigor historiográfico e sem método científico, principalmente quando essa produção é feita por não historiadores. Daí a necessidade de iluminar e aproveitar melhor o conhecimento acadêmico como forma de garantir esse tipo de qualidade de produção, mas com uma proposta mais adequada ao espaço escolar com o apoio da História Digital, inserindo transformações tecnológicas, mas sem esquecer o papel fundamental do professor nesse processo.

Como estudo de caso, para ilustrar todas as reflexões lançadas nesta dissertação, me baseei na experiência vivida por mim enquanto professor de História do Polo Educacional Sesc. Neste espaço, durante a pandemia de Covid-19, pude vivenciar a realidade dos impactos na Educação, mas ao mesmo tempo fui capacitado para superar os desafios, me reinventei como educador e partir disso pude então colher dados da produção de todos os professores e também como esse conteúdo didático e seus recursos chegavam a nossos alunos espalhados por todo o Brasil. Esses dados não só evidenciam um recorte sobre as questões educacionais, mas

também foram úteis para retratar algumas situações vivenciadas pelos nossos estudantes em relação à dificuldade de acesso à internet, questões e responsabilidades domésticas destes jovens, e reflexos psicossociais do isolamento. A rede de sedes regionais da instituição e as conexões promovidas a partir do seu comando nacional atrelado à capilaridade e capacidade de execução proporcionou um trabalho que chegou a estudantes que estavam em todas as regiões do Brasil. Naturalmente cada imenso obstáculo que surgia era intensamente pensado e soluções surgiam tanto no contexto emergencial, dentro de um cenário pandêmico, quanto numa perspectiva mais duradoura para nortear ações futuras em um mundo em constante transformação.

Concluindo este trabalho confeccionei um Guia Básico de Elaboração de Videoaulas baseado na minha experiência durante a pandemia. Este produto se propõe a ser um ponto de partida para professores que desejem iniciar a produção de videoaulas. Utilizando recursos básicos de câmera, que pode ser até mesmo a do celular, iluminação, áudio, edição e um roteiro sucinto e coerente é possível realizar com certo grau de simplicidade videoaulas que podem ajudar a propagar o conhecimento histórico. Optei pela utilização do Youtube, por ser uma ferramenta de fácil acesso e reprodução e que, para quem produz conteúdo, é extremamente intuitiva e disponível para inserir seus vídeos e divulgá-los. Dentro do YouTube criei o canal História com o Prof. Daniel Dias e consegui, ao longo de poucos meses, ir de zero a 821 inscritos, estes e os não inscritos promoveram um total de 27.638 visualizações até dezembro de 2023, demonstrando a força desta ferramenta mesmo para quem não tem fins de remuneração profissional e que no meu caso, só gostaria de democratizar um pouco mais o acesso a conteúdo histórico com boa procedência.

CAPÍTULO 1

BREVE HISTÓRICO DE EXPERIÊNCIAS AUDIOVISUAIS EDUCATIVAS NO BRASIL E NO MUNDO

1.1- Conceitos de educação à distância

No atual contexto, podemos considerar as seguintes modalidades de Educação: presencial e a distância. A modalidade presencial é a comumente utilizada nos cursos regulares, onde professores e alunos encontram-se sempre em um mesmo local físico, chamado sala de aula, e esses encontros se dão ao mesmo tempo: é o denominado ensino convencional. Apesar de algumas subdivisões que vão do que se denominou ensino híbrido até o que se chamou de ensino remoto, entende-se que a modalidade de educação à distância é efetivada através do intenso uso de tecnologias de informação e comunicação, onde professores e alunos estão separados fisicamente no espaço e/ou no tempo, podendo ou não apresentar momentos presenciais, sendo cada vez mais utilizada, de forma regular ou complementar, na Educação Básica, Educação Superior e em cursos abertos, entre outros. (MORAN, 2009). Essa compreensão de Educação à Distância é influenciada pela compreensão de distância (GOUVÉA e OLIVEIRA, 2006). A distância deve ser compreendida basicamente como separação espacial (geográfica/local) entre participantes do processo educacional, sejam estes alunos ou professores. Em aulas por videoconferência, é comum que os alunos estejam juntos, mas em lugar diferente do professor. Por outro lado, quando o estudo ocorre pela internet, é comum alunos e professores estejam em locais diferentes e acessem o curso e os materiais e recursos didáticos em momentos diferentes. Estes dois exemplos ilustram que há diferentes possibilidades de distanciamento entre alunos e professores.

Quando analisamos Educação à Distância vários conceitos se colocam como possibilidades que possuem alguma característica particular, entretanto todos apresentam pontos em comum. Assim destacam-se as definições a seguir (BERNARDO, 2009):

O conceito de Dohmem em 1967, que enfatiza a forma de estudo na Educação a Distância:

Educação a Distância é uma forma sistematicamente organizada de auto-estudo onde o aluno instrui-se a partir do material de estudo que lhe é apresentado, o acompanhamento e a supervisão do sucesso do estudante são levados a cabo por um grupo de professores. Isto é possível através da aplicação de meios de comunicação, capazes de vencer longas distâncias (DOHMEM, 1967).

Para Peters, em 1973, percebe-se a ênfase na metodologia da Educação a Distância abrindo caminho para um ponto de análise crítica sobre o modelo, quando finaliza afirmando que “a Educação a Distância é uma forma industrializada de ensinar e aprender”. Essa reflexão é fundamental para analisar qual forma de educação à distância, de forma regular ou complementar, semipresencial ou totalmente remoto, pois, em nome do aumento do alcance de público-alvo, até mesmo por um princípio digno de democratização, pode-se perder a essência do processo de ensino-aprendizagem que é a relação entre professor e aluno.

Educação/ensino a distância é um método racional de partilhar conhecimento, habilidades e atitudes, através da aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizacionais, tanto quanto pelo uso extensivo de meios de comunicação, especialmente para o propósito de reproduzir materiais técnicos de alta qualidade, os quais tornam possível instruir um grande número de estudantes ao mesmo tempo, enquanto esses materiais durarem. É uma forma industrializada de ensinar e aprender. (PETERS,1973)

Moore em 1973 ressalta, em seu conceito, que as ações do professor e a comunicação deste com os alunos devem ser facilitadas:

Ensino a distância pode ser definido como a família de métodos instrucionais onde as ações dos professores são executadas à parte das ações dos alunos, incluindo aquelas situações continuadas que podem ser feitas na presença dos estudantes. Porém, a comunicação

entre o professor e o aluno deve ser facilitada por meios impressos, eletrônicos, mecânicos ou outro (MOORE, 1973).

Para Holmberg, em 1977, o conceito enfatiza a diversidade das formas de estudo:

O termo Educação a Distância esconde-se sob várias formas de estudo, nos vários níveis que não estão sob a contínua e imediata supervisão de tutores presentes com seus alunos nas salas de leitura ou no mesmo local. A Educação a Distância beneficia-se do planejamento, direção e instrução da organização do ensino (HOLMBERG, 1977).

A separação física entre professor-aluno e a possibilidade de encontros ocasionais são destacados no conceito de Keegan em 1991:

O autor define a Educação a Distância como a separação física entre professor e aluno, que a distingue do ensino presencial, comunicação de mão dupla, onde o estudante beneficia-se de um diálogo e da possibilidade de iniciativas de dupla via com possibilidade de encontros ocasionais com propósitos didáticos e de socialização (KEEGAN, 1991).

Também no conceito de Chaves, em 1999, são ressaltadas a separação física e o uso de tecnologias de telecomunicações como características:

A Educação a Distância, no sentido fundamental da expressão, é o ensino que ocorre quando o ensinante e o aprendente estão separados (no tempo ou no espaço). No sentido que a expressão assume hoje, enfatiza-se mais a distância no espaço e propõe-se que ela seja contornada através do uso de tecnologias de telecomunicação e de transmissão de dados, voz e imagens (incluindo dinâmicas, isto é, televisão ou vídeo). Não é preciso ressaltar que todas essas tecnologias, hoje, convergem para o computador (CHAVEZ, 1999).

O conceito de Educação a Distância no Brasil é definido oficialmente no Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005):

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

Assim como observamos uma mudança em como conceituar a Educação à Distância ao longo do século XX e já na passagem para o Século XXI, as transformações na forma de transmissão de conteúdo também foram intensas e a cada novo método ou ferramenta a ser utilizado a expectativa sobre o impacto no processo ensino-aprendizagem se intensificava despertando especulações sobre seus usos e resultados. A análise do fragmento abaixo, publicado no Jornal do Brasil, que reflete sobre as experiências audiovisuais como ferramentas no processo de ensino aprendizagem até a década de 70, do século XX, nos permite perceber o impacto que a uso da televisão poderia causar em relação ao alcance e possibilidades.

A primeira aula foi dada pela professora Alfredina de Paiva e Sousa, que fêz um confronto entre a televisão e o teatro, o cinema e rádio. Depois de afirmar que a televisão nasceu do teatro, do cinema e do rádio, embora se diferencie deles na técnica de ação e na forma de criação e sirva de veículo para os três, a professora enunciou quatro perguntas que permitiram desenvolver toda a aula, em relação aos quatro grandes instrumentos da comunicação coletiva: o que apresentam, como se estruturam, como atuam e como são procurados.

MAIS PODEROSA

A análise de todos estes pontos levou a professora Alfredina de Paiva e Sousa a concluir que a televisão é mais poderosa que o teatro, o cinema e o rádio e dispõe de uma força que jamais foi atingida antes por qualquer meio de comunicação. - A televisão pode prescindir das leis do tempo e do espaço reais, tem audiência ilimitada, representação variando em qualidade (ao vivo) ou imutável (gravada), os telespectadores podem rejeitar um programa, os noticiários podem ser atuais (ao vivo) ou a posteriori (gravados), pode ser observada sem

deslocamento físico e sem pressão econômica imediata, foram alguns dos argumentos expostos pela professora. (JORNAL DO BRASIL, 27/04/1971)

Interessante perceber que as possibilidades e características abordadas, em relação a televisão, no texto da década de 70 do século XX, poderiam ser facilmente aplicadas a internet do século XXI, de certa forma hierarquizando-a como principal meio de comunicação para divulgação de conhecimento, educativo ou não, deste milênio.

1.2- Breve Cronologia da Educação à Distância no mundo e no Brasil

Neste momento, este trabalho de pesquisa, se propõe a apresentar um breve histórico sobre esta modalidade de educação, estabelecendo alguns pontos marcantes da Educação à Distância no Brasil e no mundo, entendendo a importância e o crescimento global desta modalidade de educação destacando como tem se tornado um instrumento fundamental de promoção de oportunidades para muitos indivíduos.

Até o início do século XX, especificamente até a década de 10, os cursos eram feitos por correspondência, baseados em materiais impressos. A partir daí, com o avanço tecnológico e comercial dos cinematógrafos e projetores, os slides e recursos audiovisuais como materiais adicionais começaram a se popularizar. No período entre as duas grandes guerras, o rádio foi muito utilizado para transmitir conteúdos, mas na década de 1950, com a invenção da TV, começaram também as primeiras experiências de telecursos, que ganham força na década de 1970 com o início das transmissões de TVs via satélite e a cabo, que também foram usadas para transmissão de conteúdos. As duas últimas décadas do século XX trouxeram os computadores como as grandes estrelas do ensino à distância com o início dos cursos por computador (via CD-ROM) e depois pela internet. Na virada para o século XXI os cursos viraram multiplataforma e podemos acessá-los através dos computadores, celulares, tablets e isso pode ser feito de qualquer lugar e a qualquer hora graças à tecnologia.

Segundo Golvêa & Oliveira (2006), alguns compêndios citam as epístolas de São Paulo às comunidades cristãs da Ásia Menor, registradas na Bíblia, como a origem histórica da Educação a Distância. Estas epístolas ensinavam como viver dentro das doutrinas cristãs em ambientes desfavoráveis e teriam sido enviadas por volta de meados do século I. Considerando à parte esta informação, é possível estabelecer alguns marcos históricos que consolidaram a Educação a Distância no mundo, a partir do século XVIII (GOLVÊA & OLIVEIRA, 2006):

- 1728 – marco inicial da Educação a Distância: é anunciado um curso pela Gazeta de Boston, na edição de 20 de março, onde o Prof. Caleb Philipps, de Short Hand, oferecia material para ensino e tutoria por correspondência. Após iniciativas particulares, tomadas por um longo período e por vários professores, no século XIX a Educação a Distância começa a existir institucionalmente.



Fonte da figura: Disponível em <https://s3.amazonaws.com/s3.timetoast.com/public/uploads/photo/11548376/image/60684614561e1ad111df3428a18254f0>. Acesso em 06 set 2022.

- 1829 – na Suécia é inaugurado o Instituto Líber Hermondes, que possibilitou a mais de 150.000 pessoas realizarem cursos através da Educação a Distância;

- 1840 – na Faculdade Sir Isaac Pitman, no Reino Unido, é inaugurada a primeira escola por correspondência na Europa;



Fonte da figura: Disponível em <<https://webinsider.com.br/wp-content/uploads/2016/12/educacao-a-distancia-pitman.jpg>>. Acesso em 06 set 2022.

- 1856 – em Berlim, a Sociedade de Línguas Modernas patrocina os professores Charles Toussaine e Gustav Laugenschied para ensinarem francês por correspondência;
- 1892 – no Departamento de Extensão da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos da América, é criada a Divisão de Ensino por Correspondência para preparação de docentes;
- 1922 – inicia-se cursos por correspondência na União Soviética;

- 1935 – o Japanese National Public Broadcasting Service inicia seus programas escolares pelo rádio, como complemento e enriquecimento da escola oficial;
- 1947 – inicia-se a transmissão das aulas de quase todas as matérias literárias da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris, França, por meio da Rádio Sorbonne;
- 1948 – na Noruega, é criada a primeira legislação para escolas por correspondência;
- 1951 – nasce a Universidade de Sudáfrica, atualmente a única universidade a distância da África, que se dedica exclusivamente a desenvolver cursos nesta modalidade;
- 1956 – a Chicago TV College, Estados Unidos, inicia a transmissão de programas educativos pela televisão, cuja influência pode notar-se rapidamente em outras universidades do país que não tardaram em criar unidades de ensino a distância, baseadas fundamentalmente na televisão;
- 1960 – na Argentina, nasce a Tele Escola Primária do Ministério da Cultura e Educação, que integrava os materiais impressos à televisão e à tutoria;
- 1968 – é criada a Universidade do Pacífico Sul, uma universidade regional que pertence a 12 países-ilhas da Oceania;
- 1969 – no Reino Unido, é criada a Fundação da Universidade Aberta;
- 1971 – a Universidade Aberta Britânica é fundada;
- 1972 – na Espanha, é fundada a Universidade Nacional de Educação a Distância;
- 1977 – na Venezuela, é criada a Fundação da Universidade Nacional Aberta;
- 1978 – na Costa Rica, é fundada a Universidade Estadual a Distância;
- 1984 – na Holanda, é implantada a Universidade Aberta;
- 1985 – é criada a Fundação da Associação Europeia das Escolas por Correspondência;
- 1985 – na Índia, é realizada a implantação da Universidade Nacional Aberta Indira Gandhi;
- 1987 – é divulgada a resolução do Parlamento Europeu sobre Universidades Abertas na Comunidade Europeia;

- 1987 – é criada a Fundação da Associação Europeia de Universidades de Ensino a Distância;
- 1988 – em Portugal, é criada a Fundação da Universidade Aberta;
- 1990 – é implantada a rede Europeia de Educação a Distância, baseada na declaração de Budapeste e o relatório da Comissão sobre educação aberta e a distância na Comunidade Europeia.

Todos esses acontecimentos e instituições foram importantes para a consolidação da Educação a Distância, oferecida atualmente em todo o mundo. Hoje, nos cinco continentes, diversas instituições adotam a Educação a Distância em todos os níveis de ensino, em programas formais e não formais, atendendo milhões de estudantes (GOLVÊA & OLIVEIRA, 2006).

Certamente a partir do novo milênio a educação a distância cresceu absurdamente a medida que o acesso à internet se expandiu em todo o mundo diminuindo custos e aumento a base de usuários que podem acessar conteúdo educativo de todos os continentes do mundo ao vivo ou de acordo com seu tempo. O curioso nesse caminho é perceber que a origem da produção desse conhecimento pode variar muito ao longo da história, pois temos indivíduos produzindo sozinhos seus materiais, universidades, escolas e cursos públicos e privados, instituições ligadas aos governos, grandes empresas e com o avanço tecnológico ocorrido no século XXI a facilidade de produção e divulgação de conteúdo só reforça a importância e a necessidade de discutir essa temática.

Se recortarmos esse cenário global e olharmos especificamente para o nosso país, localizamos o seguinte cenário em relação à educação a distância segundo Lucineia Alves: Provavelmente, as primeiras experiências em Educação a Distância no Brasil tenham ficado sem registro, visto que os primeiros dados conhecidos são do século XX (ALVES,2011).

Mas para chegarmos no momento que vivenciamos hoje foi um longo caminho, por séculos, até que a Educação no Brasil se encontrasse e se desenvolvesse dentro da perspectiva tecnológica, interativa e inclusiva propiciada

pelo audiovisual. Segundo Cláudia Mogadouro, a origem da educação formal brasileira remonta aos jesuítas, que deixaram uma forte herança, cuja as marcas são identificáveis até hoje.

Disciplina militar castigos, aprendizagem por meio da repetição oral do texto escrito ou decorado, práticas que têm sua origem no “Ratio Studiorum”, conjunto de regras pedagógicas da educação jesuítica, formulado no finalzinho do século XVI. Outro sentimento herdado é que a educação é sacrifício, é sofrimento. No final do século XIX, as ideias iluministas (enciclopedistas) e positivistas também influenciaram a formação de educadores no Brasil, valorizando o ensino de cunho prático e científico. Seguindo a cultura europeia, a cultura escolar aqui se construiria sempre apoiada no texto escrito e valorizando as especializações, origem da grade curricular que conhecemos até hoje. Outra corrente que ganhou força no século XX foi a Pedagogia Nova, que se baseava em experiências europeias e americanas, sendo que o principal filósofo dessa vertente é o professor universitário norte-americano John Dewey (1859-1952) que defendia, entre outras coisas, que o interesse e a motivação eram condições básicas para que ocorresse o processo educativo. Principalmente após o fim da primeira guerra mundial, com a crescente influência cultural dos Estados Unidos, o movimento da Escola Nova ganhou muitos adeptos no Brasil. Eles procuraram colocar a criança (e não mais o professor) no centro do processo educacional (...) Um educador muito avançado e importante na história da educação foi o baiano Anísio Teixeira (1900-1971), discípulo de John Dewey, que defendia uma escola renovada. Seu caminho acabou cruzando com o de outro importante educador, na verdade a do médico-antropólogo-educador, Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), que depois de consolidada carreira como antropólogo – era Diretor do Museu Nacional – apaixonou-se pelo rádio já nos anos 1920. (MOGADOURO, 2014).

O pioneirismo de Roquette-Pinto ao procurar aproximar os campos da educação e da comunicação, pensando o ensino à distância em pleno anos 20, com o rádio e, posteriormente com o cinema, no Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) mostra o vanguardismo de alguns educadores já citados e até mesmo realizadores tais como Humberto Mauro, cineasta que dirigiu a instituição por várias décadas.

Para organizar melhor essa trajetória e a relação entre educação e comunicação seguem abaixo alguns acontecimentos que marcaram a história da Educação a Distância no nosso país (MAIA & MATTAR, 2007; MARCONCIN, 2010; RODRIGUES, 2010; SANTOS, 2010):

- 1904 – o Jornal do Brasil registra, na primeira edição da seção de classificados, anúncio que oferece profissionalização por correspondência para datilógrafo;
- 1923 – um grupo liderado por Henrique Morize e Edgard Roquette-Pinto criou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que oferecia curso de Português, Francês, Silvicultura, Literatura Francesa, Esperanto, Radiotelegrafia e Telefonia. A proposta de transmitir educação pelo rádio é tão antiga quanto a história do veículo. Desde a década de 1920, marcada pelo surgimento oficial do rádio no Brasil, até a atualidade, foram feitas várias experiências, embora com diferentes conceitos de educação. No caso da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Edgard Roquette-Pinto, um dos fundadores da emissora, ao lado de Henrique Charles Moritze e de um grupo de intelectuais da Academia Brasileira de Ciências, dizia:

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (TAVARES, 1999, p.8).

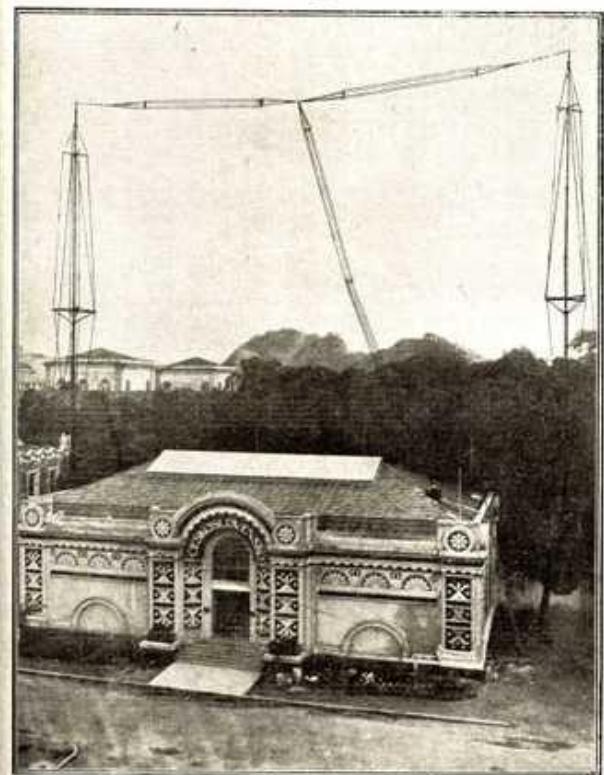
Para Tavares (1999), os ideais de Roquette-Pinto podem ser explicados pelo momento político e cultural da época. A chegada dos imigrantes europeus, intensificada na década anterior, contribuiu para a efervescência política, tanto a anarquista quanto a comunista. Nesse contexto, destaca-se o movimento sindical e

a organização de várias greves. Não apenas os trabalhadores estavam mobilizados na luta por seus ideais. Em 1922, surge o tenentismo, a partir do descontentamento de militares com a corrupção no processo político, dominado pelas oligarquias. No panorama cultural, destaca-se a Semana de Arte Moderna, que aconteceu no mesmo ano da chegada oficial do rádio no Brasil. O movimento é marcado pela redefinição dos parâmetros da pintura, da escultura e da literatura brasileira. Há uma vontade de transformar o país vinda de várias frentes - trabalhadores, intelectuais e militares, cada um à sua maneira (FERRARETTO, 2001). Tinha início assim a Educação a Distância pelo rádio brasileiro;

A Fábio 20.5.23



A nova estação da "Radio Sociedade do Rio de Janeiro"



Fonte das figuras: Disponível em:

[http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_OJ_1923_A-radio-telefonia-e-a-educacao-popular_\(p27\).jpg](http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_OJ_1923_A-radio-telefonia-e-a-educacao-popular_(p27).jpg). Acesso em: 25/05/2022

- 1934 – Edgard Roquette-Pinto instalou a Rádio-Escola Municipal no Rio, projeto para a então Secretaria Municipal de Educação do Distrito Federal. Os estudantes tinham acesso prévio a folhetos e esquemas de aulas, e também era utilizada correspondência para contato com estudantes;
- 1936 – Com o apoio do Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema (1900 – 1985), e a aprovação do presidente Getúlio Vargas (1882- 1954), foi criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). O principal inspirador e primeiro diretor do INCE, foi o professor Edgard Roquette-Pinto.

Ao longo de sua existência, entre 1936 e 1966, há registro de mais de 400 filmes produzidos pelo INCE, entre curtas e médias, dos quais a direção de cerca de 350 é atribuída ao cineasta Humberto Mauro. Boa parte da produção voltava-se ao apoio às disciplinas das instituições de ensino, à divulgação de aplicações da ciência e da tecnologia, às pesquisas científicas nacionais e ao trabalho de instituições nacionais. (...) A partir da criação do instituto, realizaram-se vários filmes com fins educativos e também de documentação científica, técnica e artística, incluindo temas como prevenção e tratamento de doenças, costumes, plantas, animais. (FIOCRUZ, 2003)



Fonte das figuras: Disponível em < <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSSwWtOdQ26fgZ1whcPpKe1GYJSxRcSGoc34Q&usqp=CAU>> Acesso em: 11/09/2022. Disponível em < <https://i.ytimg.com/vi/GQsDHJ05t8o/maxresdefault.jpg>> Acesso em: 11/09/2022

- 1939 – surgimento, em São Paulo, do Instituto Monitor, o primeiro instituto brasileiro a oferecer sistematicamente cursos profissionalizantes a distância por correspondência, na época ainda com o nome Instituto Rádio Técnico Monitor;

Assegure seu futuro!

**APRENDENDO POR CORRESPONDÊNCIA
UMA PROFISSÃO TÉCNICA LUCRATIVA**

*Aproveite suas horas
de folga para estudar.*

Sem sair de sua casa, você poderá aprender uma profissão, que o habilitará a aproveitar as oportunidades oferecidas pelo grande surto industrial da nossa terra. Em pouco tempo poderá ganhar muito dinheiro, superando o custo de seus estudos.

RÁDIO-TELEVISÃO
Método moderno e eficiente para você aprender praticamente a montar e consertar aparelhos de rádio e televisão, amplificadores comuns e alta fidelidade, equipos de cinema sonoro. O nosso curso é o mais completo e atualizado, contendo as inovações mais recentes como transistores, som estereofônico, gravação magnética, etc.

ELETROTECNICA
Ensino prático e facilmente compreensivo sobre enrolamento de motores e dinamos, instalações elétricas, galvanoplastia, solda elétrica, telefone, instalação de geradores movidos a gasolina, vento e queda d'água, eletricidade nos autos e aviões, etc. Em pouco tempo, você estará apto a montar e consertar toda classe de máquinas, motores, refrigeradores, máquinas de lavar, enceradeiras, aquecedores, etc.

DESENHO
Mecânico, Arquitetônico, Artístico e Publicitário
Pelo nosso sistema fácil e prático, você ficará em poucos meses, habilitado para trabalhar na indústria, no ramo de construções ou no campo publicitário como desenhista, que é uma das profissões mais bem pagas da atualidade.

Em todos os cursos receberá ferramentas, material e instrumentos, necessários para a execução dos trabalhos práticos, que lhe serão úteis mesmo após terminar os estudos.

MENSALIDADES AO ALCANCE DE TODOS Não pague mais, vence na vida mandando-nos, ainda hoje, este cupom preenchido.

DURAÇÃO MÍNIMA DO CURSO: 5 MESES

INSTITUTO MONITOR
O MAIOR ESTABELECIMENTO DE ENSINO TÉCNICO POR CORRESPONDÊNCIA DA AMÉRICA LATINA
Rua Timbiras, 263 - Caixa Postal 30.277 - São Paulo
Sr. Diretor: Solicito enviar-me **GRATIS**, o folheto sobre o curso de:
RÁDIO E TELEVISÃO ELETROTECNICA DESENHO
marque com um X o curso que desejar

RTV 231

NOOME _____

RUA _____ N.º _____

CIDADE _____

NOSSOS CURSOS SÃO APROVADOS E REGISTRADOS PELO DEPARTAMENTO DO ENSINO PROFISSIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO.

Revista Monitor de
RÁDIO E TELEVISÃO

Fonte da figura: Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/instituto-monitor/>>. Acesso em 25 mai 2022. Acesso em: 25/05/2022

• 1941 – surge o Instituto Universal Brasileiro, segundo instituto brasileiro a oferecer também cursos profissionalizantes sistematicamente. Fundado por um ex-sócio do Instituto Monitor, já formou mais de 4 milhões de pessoas e hoje possui cerca de 200 mil alunos.o Instituto Monitor e ao Instituto Universal Brasileiro outras organizações similares, que foram responsáveis pelo atendimento de milhões de alunos em cursos abertos de iniciação profissionalizante a distância. Algumas dessas instituições atuam até hoje. Ainda no ano de 1941, surge a primeira Universidade do Ar, que durou até 1944.

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

RUA CAPITÃO FRANCISCO TEIXEIRA NOGUEIRA, 202 - CAIXA POSTAL 5058 -
SÃO PAULO - CAPITAL - CEP 01000

O estudo por correspondência é a solução prática e objetiva para aqueles que não podem perder tempo !

E nós do INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO nos orgulhamos de oferecer o que existe de mais moderno nessa modalidade de ensino.

● Afinal são 40 anos de experiência !

MATRICULE-SE COM URGÊNCIA E RECEBA AS LIÇÕES DO CURSO ESCOLHIDO, BEM COMO TODO O MATERIAL NECESSÁRIO GRATUITAMENTE.

MANDE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

468 INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO ESTE É PARA SEU AMIGO.
Rua Capitão Francisco Teixeira Nogueira, 202
CAIXA POSTAL 5058-SÃO PAULO-CEP 01000
SR. DIRETOR: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de:
(INDICAR O CURSO DESEJADO.) por correspondência.
Nome _____
Rua _____ nº _____
Cidade _____ CEP _____
Estado _____

CURSOS RÁPIDOS!

CURSO DE RADIOTÉCNICO
(com peças e ferramentas gratuitas)

CURSO DE CORTE E COSTURA

CURSO DE AUXILIAR DE ENFERMAGEM

CURSO DE DESENHO ARQUITETÔNICO
(desenho de plantas para construções)

CURSO DE DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO

CURSO DE BORDADO TRICÔ E CROCHÊ

CURSO DE DESENHO DE MECÂNICA

CURSO DE ELETRICIDADE

CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU
(antigo
Madureza Ginesial)

CURSO DE ELETROICIDADE DE AUTOMÓVEIS

CURSO DE MECÂNICA GERAL

CURSO DE MATEMÁTICA
(1º e 2º Graus)

CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU
(antigo
Madureza Colegial)

CURSO DE MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS

CURSO DE TORNEIRO MECÂNICO

CURSO DE PORTUGUÊS
(1º e 2º Graus)

CURSO DE REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO

CURSO DE SECRETARIADO MODERNO

CURSO DE CONTABILIDADE PRÁTICA

CURSO DE RÁDIO, TRANSISTORES TELEVISÃO
(preto e branco e a cores)

CURSO DE AUXILIAR EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

CURSO DE INGLÊS

CURSO DE TELEVISÃO
em PRETO e BRANCO e a CORES

Mensalidades ao alcance de todos.

MANDE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

469 INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO ESTE CUPOM É SEU.
Rua Capitão Francisco Teixeira Nogueira, 202
CAIXA POSTAL 5058-SÃO PAULO-CEP 01000
SR. DIRETOR: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de:
(INDICAR O CURSO DESEJADO.) por correspondência.
Nome _____
Rua _____ nº _____
Cidade _____ CEP _____
Estado _____

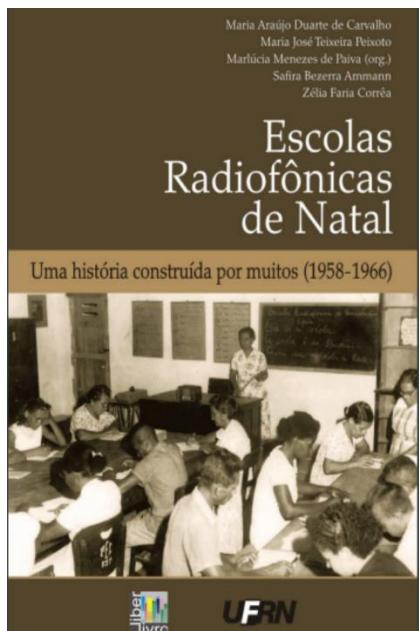
Fonte da figura: Disponível em <
https://elmclarrypage.weebly.com/uploads/4/7/8/9/47894473/7346637_orig.jpg>. Acesso em 25 mai 2022. Acesso em: 25/05/2022

• 1947 – surge a nova Universidade do Ar, patrocinada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC) e emissoras associadas. Projeto original da Rádio Nacional, desta vez o objetivo era oferecer cursos comerciais radiofônicos. Essa universidade atingiu 318 localidades e aproximadamente 80 mil alunos. (VASCONCELOS, 2008). Os alunos estudavam nas apostilas e corrigiam exercícios com o auxílio dos monitores. A experiência durou até 1961, entretanto a experiência do SENAC com a Educação a Distância continua até hoje;



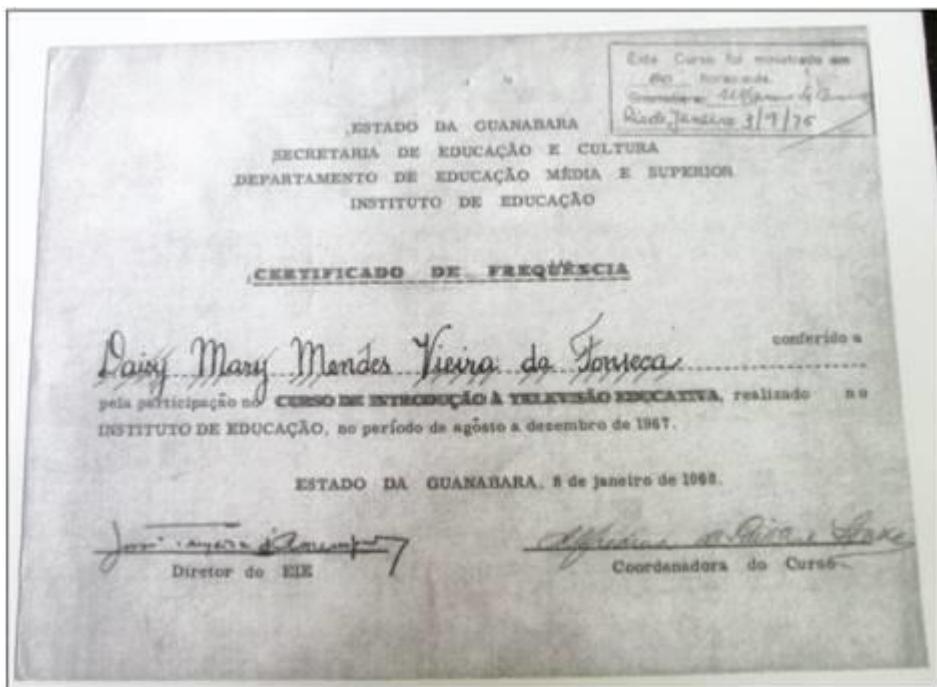
Fonte da figura: Disponível em <
<https://s3.amazonaws.com/s3.timetoast.com/public/uploads/photo/5410430/image/6c570021b526437cc352c044f6d2baf>>. Acesso em 25 mai 2022.

- 1959 – a Diocese de Natal, Rio Grande do Norte, cria algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), marco na Educação a Distância não formal no Brasil. O MEB, envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo Federal utilizou-se inicialmente de um sistema rádio-educativo para a democratização do acesso à educação, promovendo o letramento de jovens e adultos. Abaixo pode-se observar a capa da publicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sobre tal iniciativa e uma das unidades de apoio;



Fonte das figuras: [Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/escolasradionatal.pdf>](http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/escolasradionatal.pdf) Acesso em: 25/05/2022. Disponível em: <<https://s3.amazonaws.com/s3.timetoast.com/public/uploads/photo/19706868/image/mediu> m-81dfe7cc5a0d74d5a11e9b5ae898fb08.jpeg> Acesso em: 25/05/2022

- 1961 – Programa de alfabetização por meio da televisão, criado pela professora Alfredina de Paiva e Souza, que aliava aulas televisionadas a um material impresso – em ambos os casos o material audiovisual era produzido pela TV Tupi. Foram 216 programas, para 72 semanas, com três programas por semana, atingindo mais de cinco mil alunos em 105 núcleos de recepção de tele-alunos, abaixo observa-se um diploma;



Fonte da figura: Disponível em < <https://minio.scielo.br/documentstore/1982-6621/54qYZdLXPYXxS7xzK6gGpdd/4cf6cd027f80ccd42660eaad4fdccccf7cb82321.jpg> > Acesso em: 25/05/2022

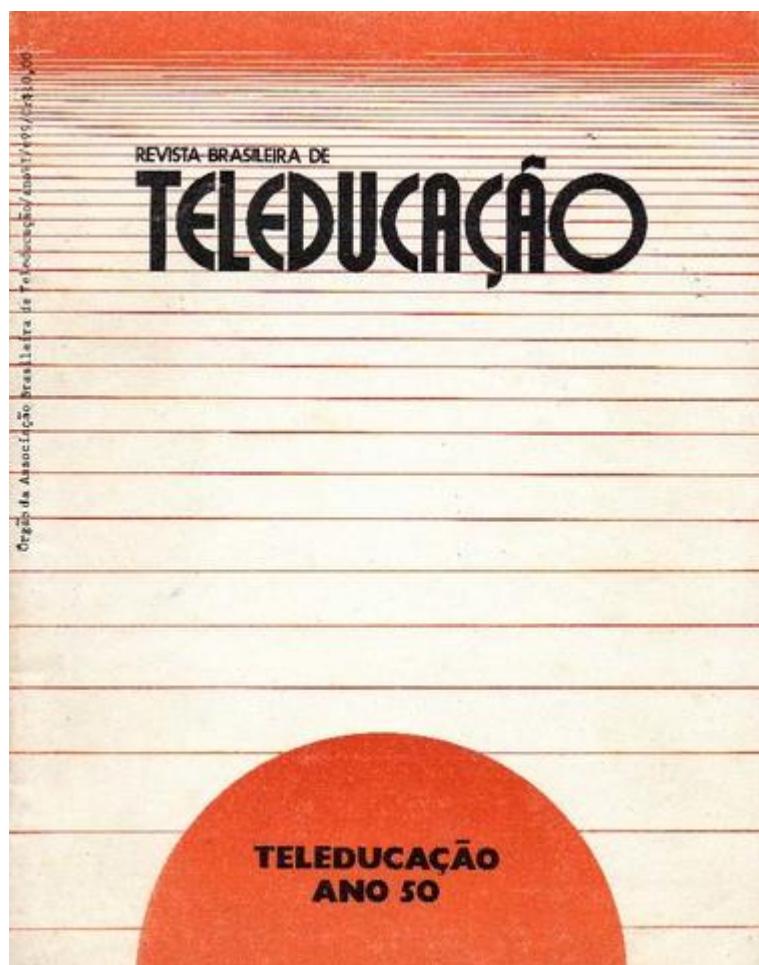
- 1962 – é fundada, em São Paulo, a Ocidental School, de origem americana, focada no campo da eletrônica;
- 1967 – o Instituto Brasileiro de Administração Municipal inicia suas atividades na área de educação pública, utilizando-se de metodologia de ensino por correspondência. Ainda neste ano, a Fundação Padre Landell de Moura criou seu núcleo de Educação a Distância, com metodologia de ensino por correspondência e via rádio;

• 1970 – surge o Projeto Minerva, um convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e Fundação Padre Anchieta, cuja meta era a utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos. O projeto foi mantido até o início da década de 1980, a seguir alguns fascículos;



Fonte da figura: Disponível em < <https://3.bp.blogspot.com/-vSgKv7haSic/W2yjajLdN5I/AAAAAAAk3Q/rE1dojTrbHkkPOrKroJ9amTvHdquupR7ACLcBGAs/s1600/a.PNG> > Acesso em: 25/05/2022

- 1974 – surge o Instituto Padre Reus e na TV Ceará começam os cursos das antigas 5^a à 8^a séries (atuais 6^º ao 9^º ano do Ensino Fundamental), como material televisivo, impresso e monitores;
- 1976 – é criado o Sistema Nacional de Teleducação, com cursos através de material instrucional;



Fonte da figura: Disponível em <
<https://s3.amazonaws.com/s3.timetoast.com/public/uploads/photo/5692414/image/a150ea8a7a360caea1ae50899e1fd644>> Acesso em: 25/05/2022.

- 1977 Telecurso – da Fundação Roberto Marinho



Fonte da figura: Disponível em <
<https://s3.amazonaws.com/s3.timetoast.com/public/uploads/photo/12610289/image/5aa82161369faf69016cbde56923d193>> Acesso em: 25/05/2022.

- 1979 – a Universidade de Brasília, pioneira no uso da Educação a Distância, no ensino superior no Brasil, cria cursos veiculados por jornais e revistas, que em 1989 é transformado no Centro de Educação Aberta, Continuada, a Distância (CEAD) e lançado o Brasil EAD;
- 1981 – é fundado o Centro Internacional de Estudos Regulares (CIER) do Colégio Anglo Americano que oferecia Ensino Fundamental e Médio a distância. O objetivo do CIER é permitir que crianças, cujas famílias mudem-se temporariamente para o exterior, continuem a estudar pelo sistema educacional brasileiro;
- 1983 – o SENAC desenvolveu uma série de programas radiofônicos sobre orientação profissional na área de comércio e serviços, denominada “Abrindo Caminhos”;

• 1991 – o programa “Jornal da Educação – Edição do Professor”, concebido e produzido pela Fundação Roquete-Pinto tem início e em 1995 com o nome “Um salto para o Futuro”, foi incorporado à TV Escola (canal educativo da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação) tornando-se um marco na Educação a Distância nacional. É um programa para a formação continuada e aperfeiçoamento de professores, principalmente do Ensino Fundamental e alunos dos cursos de magistério. Atinge por ano mais de 250 mil docentes em todo o país;

• 1992 – é criada a Universidade Aberta de Brasília, acontecimento bastante importante na Educação a Distância do nosso país;

• 1995 – é criado o Centro Nacional de Educação a Distância e nesse mesmo ano também a Secretaria Municipal de Educação cria a MultiRio (RJ) que ministra cursos do 6º ao 9º ano, através de programas televisivos e material impresso. Ainda em 1995, foi criado o Programa TV Escola da Secretaria de Educação a Distância do MEC;



Fonte das figuras: Disponível em <
https://yt3.ggpht.com/ytic/AMLnZu87Q17bwXjtwIDhd8pjh4VI1JuO_QVfs_fhWbahYg=s900-c-k-c0x00fffff-no-rj>. Acesso em 06 set 2022.

Disponível em <<https://observatoriodatv.uol.com.br/wp-content/uploads/2015/06/TV-escola1.png>>. Acesso em 06 set 2022.

• 1996 – é criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED), pelo Ministério da Educação, dentro de uma política que privilegia a democratização e a qualidade da educação brasileira. É neste ano também que a Educação a Distância surge oficialmente no Brasil, sendo as bases legais para essa modalidade de educação, estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, embora somente regulamentada em 20 de dezembro de 2005 pelo Decreto nº 5.622 (BRASIL, 2005) que revogou os Decretos

nº 2.494 de 10/02/98, e nº 2.561 de 27/04/98, com normatização definida na Portaria Ministerial nº 4.361 de 2004 (PORTAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO , 2010).

- 2000 – é formada a UniRede, Rede de Educação Superior a Distância, consórcio que reúne atualmente 70 instituições públicas do Brasil comprometidas na democratização do acesso à educação de qualidade, por meio da Educação a Distância, oferecendo cursos de graduação, pós-graduação e extensão. Nesse ano, também nasce o Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), com a assinatura de um documento que inaugurava a parceria entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria de Ciência e Tecnologia, as universidades públicas e as prefeituras do Estado do Rio de Janeiro.

- 2002 – o CEDERJ é incorporado a Fundação Centro de Ciências de Educação Superior a Distância do Rio de Janeiro (Fundação CECIERJ).

- 2004 – vários programas para a formação inicial e continuada de professores da rede pública, por meio da EAD, foram implantados pelo MEC. Entre eles o Proletramento e o Mídias na Educação. Estas ações conflagraram na criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil.

- 2005 – é criada a Universidade Aberta do Brasil, uma parceria entre o MEC, estados e municípios; integrando cursos, pesquisas e programas de educação superior a distância.

- 2006 – entra em vigor o Decreto nº 5.773, de 09 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, incluindo os da modalidade a distância (BRASIL, 2006).

- 2007 – entra em vigor o Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007, que altera dispositivos do Decreto nº 5.622 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2007).

- 2008 – em São Paulo, uma Lei permite o ensino médio a distância, onde até 20% da carga horária poderá ser não presencial.

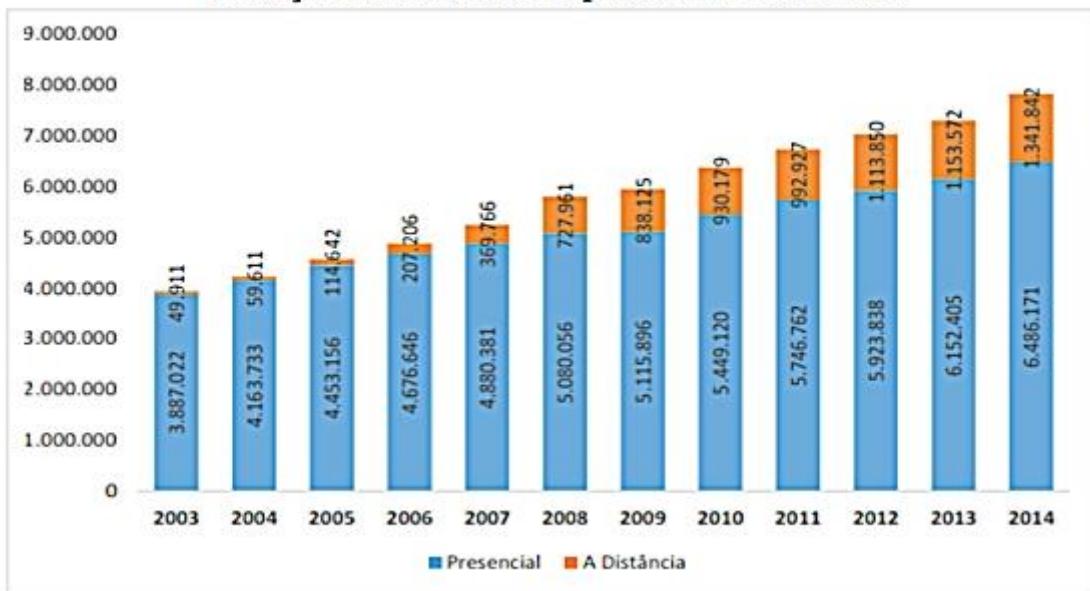
- 2009 – entra em vigor a Portaria nº 10, de 02 julho de 2009, que fixa critérios para a dispensa de avaliação in loco e deu outras providências para a Educação a Distância no Ensino Superior no Brasil (BRASIL, 2009).

- 2011 – extinção da Secretaria de Educação à Distância (SEED) do Ministério da Educação (MEC) com seus programas e ações (Domínio Público –

biblioteca virtual, DVD Escola, E-ProInfo, E-Tec Brasi, Programa Banda Larga nas Escolas, Pointantil, ProInfo, ProInfo Integrado, TV Escola, Sistema Universidae Aberta do Brasil (UAB), Banco Internacional de Objetos educacionais, Portal do Professor Programa um computador por aluno – Prouca, Projetor Info) sendo esta absorvida posteriormente pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), conforme informa o portal do MEC. Esta ação foi vista por alguns como um desestímulo à Educação à Distância no Brasil, porém alguns enxergaram como algo positivo, pois ao ser abra a EAD no Brasil caminhou para se tornar parte integrante do processo educacional como um todo, e não como uma modalidade isolada. (BRASIL, 2011).

As medidas tomadas até esse momento provocaram uma evolução do número de matrículas em cursos de graduação, segundo a modalidade de ensino – Brasil – 2003 a 2014, de acordo com levantamento da Associação Brasileira de Educação a Distância:

Evolução de matrículas no período de 2003 a 2014:



Fonte da figura: Disponível em <<https://webinsider.com.br/wp-content/uploads/2016/12/evolucao-de-matriculas.jpg>>. Acesso em 06 set 2022.

- 2017 – O Ministério da Educação regulamenta a Educação a Distância (EaD) em todo território nacional permitindo que as instituições de ensino superior possam ampliar a oferta de cursos superiores de graduação e pós-graduação a

distância. Entre as principais mudanças, estão a criação de polos de EaD pelas próprias instituições e o credenciamento de instituições na modalidade EaD sem exigir o credenciamento prévio para a oferta presencial.

- 2019 – O Censo da Educação Superior mostra que, pela primeira vez na história, o número de ingressantes em cursos EaD ultrapassou a quantidade de estudantes que iniciaram a graduação presencial, na rede privada.

- 2020 – Diante da pandemia do Covid-19, o Ministério da Educação autorizou o ensino remoto, ficando permitida a substituição das disciplinas presenciais, em cursos regularmente autorizados, por atividades letivas que utilizem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais. Essa resolução se deu pela Portaria número 544 de 16 de junho de 2020.

CAPÍTULO 2

TEMPOS LÍQUIDOS - SOCIEDADE, TECNOLOGIA E O PAPEL DO PROFESSOR NO SÉCULO XXI

2.1- Como a modernidade líquida e as novas tecnologias motivam mudanças na educação

Entendendo que, no atual momento de crítica aos métodos de ensino aprendizagem em toda educação básica, seja ela pública ou privada, torna-se necessário propor uma análise crítica e contribuições para aprimorar nossa prática em meio ao novo cenário tecnológico do século XXI. Para isso é fundamental entender o papel do professor, da escola e como pode ocorrer o processo de aprendizagem em tempos de distanciamento entre as pessoas e relações interpessoais fluidas agravadas por um contexto de pandemia.

Segundo Nardon (2006), a internet está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, principalmente na vivência dos jovens. Os adolescentes, como um segmento social que é mais suscetível às transformações das tecnologias digitais, herdam a facilidade de adquirir esse novo hábito. Dessa forma, a tecnologia pode-se tornar um fator de isolamento social, que compromete a capacidade de socialização dos seres humanos que não conseguem mais distinguir a realidade do mundo virtual. Sobre o ponto de vista de Nardon, é na adolescência que o convívio social se amplia, com a participação nos diferentes grupos aos quais os adolescentes pertencem, como escola, esportes, cursinhos, lazer, entre outros. Assim, em meio a esse cenário, adquire-se uma nova modelagem de interação social que acontece mais “real” ou mais “virtual” de acordo com os interesses do indivíduo e de seus pares em determinado momento.

Lévy (2000) reconhece que há dependentes na internet que passam horas em frente ao computador, participando de sala de bate papo, jogos on-line ou, até

mesmo, surfando interminavelmente de página em páginas. Esse autor também afirma que, no presente, os indivíduos estão trocando as conversas pessoais socializadoras por um mundo virtual, em que se comunicam através de chats, mensagens instantâneas, blogs, jogos on-line e redes sociais, compartilhando uma nova cultura em que a interação só acontece por meios eletrônicos. Por meio da internet, o adolescente consegue fazer contatos pessoais que, fora desse meio, não consegue. Neste sentido, o avanço tecnológico que propiciou o barateamento e a difusão de celulares mais rápidos e com maior capacidade bem como os diversos aplicativos e *websites* cooperam e agilizam essa busca a novas tendências, entretenimento e conhecimento em uma internet que também se mostra cada vez mais rápida, potente e distribuída pelo mundo, por mais que ainda exista uma desigualdade em relação a inclusão digital em diversos países.

Um dos principais meios de acesso a essas novidades é o *website* de vídeos Youtube. Segundo dados divulgados pelo próprio Youtube, a empresa fundada em 2005 e adquirida pelo Google em outubro de 2006, atualmente conta com mais de dois bilhões de usuários, com versões locais com mais de 88 países e linguagens que compreendem um total de 76 idiomas, com mais da metade do total de vídeos visualizados através de dispositivos móveis. A partir dessas informações iniciais é possível mensurar o potencial de alcance do site a nível global. Em âmbito nacional alguns dados saltam aos olhos: 95% da população brasileira usuária de internet tem acesso ao Youtube; 96% daqueles que acessam o site são jovens; 96% acessam o site todos os dias; 50% interagem com os vídeos através de comentários ou mesmo avaliando o conteúdo exibido, gerando altos níveis de interação com a plataforma. Portanto, os dados apresentados validam ainda mais a percepção de que esse espaço é indispensável para os educadores em geral, em especial para os historiadores responsáveis por garantir que chegue ao grande público a divulgação de conteúdo histórico de qualidade com método científico e rigor histórico.

Portanto, imaginar a atuação da escola e dos professores na construção de conhecimento e desenvolvimento cognitivo sem passar pela cibercultura torna-se inviável no mundo em que vivemos hoje. Mesmo destacando a relevância da sociabilidade presencial e de todos os frutos que essa relação pode trazer, fica nítido

o espaço que essas novas tecnologias devem ocupar no espaço escolar e na relação professor-aluno. Ressalto aqui a defesa destacada no título desse trabalho e reforço que essas novas tecnologias são ferramentas complementares nesse processo e que nunca devemos menosprezar o papel do professor, que é central na mediação dessa relação de aprendizagem, seja ela física ou virtual.

Segundo Piaget.

O homem é um ser essencialmente social, impossível, portanto de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive. Em outra palavra, o homem não social, o homem considerado como molécula isolada do resto dos seus semelhantes, o homem visto como independente das influências dos diversos grupos que frequenta, o homem visto como imune aos legados da história e da tradição esse homem simplesmente não existe. (PIAGET, 1972 p. 11).

Esse autor entende que o "ser social" é aquele que consegue se relacionar com seus semelhantes de forma equilibrada. Isso quer dizer que o ser humano necessita de convívio social e de estabelecer relações de afetividade no mundo real. Entendendo que, para a maioria das crianças e adolescentes, o principal espaço físico de convívio social e desenvolvimento é a escola, é urgente entender como buscar esse equilíbrio entre o presencial e o virtual no processo de construção social e cognitiva desses indivíduos. Por esse motivo é tão evidente que as transformações nas relações sociais, atreladas às novas tecnologias, e o contexto em que vivemos atualmente impactam o espaço escolar. É um processo irreversível, ou as escolas e professores se adaptam diante dessa realidade híbrida ou tendemos a perder espaço como principal referência que coopera para o desenvolvimento cognitivo dessas crianças e adolescentes.

Hoje, vivemos o que o sociólogo Zigmunt Bauman chama de amor líquido, já que nossas relações de afetividade se tornam facilmente descartáveis. As identidades são forjadas a fim de chamar atenção das pessoas, pois vivemos uma combinação entre mundo virtual e mundo real, em que um indivíduo pode assumir diferentes personalidades, mantendo relações pouco duradouras. Daí a necessidade de adaptação dos docentes e das escolas no sentido de conseguir manter os laços

fundamentais para o progresso do aluno, mesmo quando sequer podemos tocar ou abraçar esse aluno, no contexto da pandemia de COVID-19, quando a relação “olho no olho” se dá através de uma tela, mas também como na maior parte da dinâmica do ensino remoto ou da Educação à Distância, fora da realidade pandêmica, utilizando-se de nossas plataformas educacionais e videoaulas.

Essa fase de amor líquido representa um declínio das sólidas relações humanas, posto que por meio de aparelhos como as redes sociais, a amizade, o amor e o respeito entre as pessoas são facilmente descartáveis. Diante disso, o que presenciamos em relação ao amor é que ele está sendo vivenciado de uma maneira mais incerta e duvidosa, pois nunca houve tantas opções de relacionamentos como presenciamos nas redes sociais e nunca houve tanta fragilidade e instabilidade em nossas relações como as vividas atualmente. Portanto, é nessa sociedade líquida que buscamos aquilo que existe desde o surgimento da humanidade, o amor (Bauman, 2003). Certamente tudo isso impacta o êxito do ensino remoto ou da Educação à Distância, afinal o engajamento, as relações de afetividade e o envolvimento do aluno são fundamentais para o sucesso dessa parceria com a escola e do seu desenvolvimento próprio.

A sociedade vive no tempo das incertezas e mudanças. O laço humano poderia ser duradouro, seja em relacionamentos afetivos ou profissionais, mas são descartáveis como objetos. É o que acontece no mundo virtual, tudo é consumido e descartado com facilidade. Isso se agrava muito mais se abordarmos a Educação, que na maioria das vezes é um campo visto por alunos, muitas vezes com razão, como um espaço de obrigações, deveres e anedonia. Na internet é muito fácil se conectar, mas também é simples se desconectar e romper as relações. Sabemos os estragos que lacunas e descontinuidade podem provocar no processo ensino-aprendizagem, então torna-se urgente entender esse cenário, buscar soluções e adaptar-se a esse contexto educacional o mais rápido possível. Segundo Zygmunt Bauman: “os tempos são ‘líquidos’ porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar, para ser ‘sólido’.” (Bauman apud PRADO,2010)

Segundo Bauman:

A modernidade líquida em que vivemos traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos - um amor líquido. A segurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-lo frouxos.(BAUMAN, 2004,p 6)

Bauman também retrata a mudança da sociedade sólida para a líquida. Sua liquidez faz com que ela seja mais bem adaptada aos meios, preencha um ambiente, que com a mesma facilidade se esvai deste local, para assim tomar outra forma. Ao contrário da solidade, que não consegue preencher um ambiente que não seja de sua forma. A sociedade moderna líquida não se fixa a um espaço ou tempo, sempre dispostos a mudanças e livres para experimentar algo novo. Toda essa descrição se assemelha às mudanças vivenciadas pelo público alvo da Educação Básica em seus aspectos biológicos e sociais, mas a reflexão acentua-se se imaginarmos um contexto pandêmico. A criança, o adolescente e o jovem naturalmente dinâmicos e em processo de intensa transição, neste milênio vivenciam uma sociedade igualmente inconstante e variável, em meio a novas tecnologias, e mesmo assim devem corresponder a metodologias de ensino-aprendizagem por vezes pouco flexíveis.

A partir desses pressupostos entende-se que o contexto de modernidade líquida vigente estabelece uma urgência em entender esses sinais e promover uma relação de adaptabilidade que possibilite o desenvolvimento cognitivo dos estudantes e profissional dos docentes dentro de perspectivas e cenários que sejam salutares para ambos e em prol do avanço da Educação, da saúde física e mental de docentes e discentes, da inclusão de todas as formas, notadamente como temática central desse trabalho, inclusão digital, dentro de um contexto de fomento de políticas públicas e até mesmo de envolvimento de empresas privadas.

2.2 - História Digital, História Pública e as novas formas de produção de História

Ao se propor escutar as vozes de estudantes de todo o Brasil procurando entender, em meio ao contexto pandêmico, problemas no processo de ensino-aprendizagem e percepções desses estudantes sobre o acesso e a construção do conhecimento histórico a partir das informações que lhes chegam, essa pesquisa se propõe a defender a História Pública como possibilidade de divulgação e consumo de História entre diversos públicos. Saindo um pouco dos reflexos específicos da introdução de novas tecnologias, tais como as plataformas educacionais e videoaulas, na esfera social, na questão da aprendizagem e na expectativa gerada, pelo governo e pela sociedade, sobre os professores, podemos entrar um pouco nas questões ligadas ao Ensino de História e em relação ao papel do historiador em meio a esse contexto. De modo geral, assim como citado no início desse texto, a academia teve, hoje muito menos, resistência ao uso de tecnologias na educação. De certa forma o espaço escolar percebeu bem mais rápido essa demanda por adaptação e por uma necessidade pedagógica, em alguns momentos até mesmo mercadológica, no caso da rede privada, e de propaganda eleitoral, no caso da rede pública. Especificamente no campo da História atualmente temos vários autores, obras e publicações que mergulham nesse universo tecnológico, bem como em seus impactos e desafios.

Dentro deste contexto é importante destacar que a exposição de conteúdos voltados para o exercício da análise crítica das informações a que somos submetidos intensamente via internet, principalmente em se tratando dos nossos estudantes, atende a aspectos fundamentais da História relacionados à metodologias e preceitos teóricos que fundamentam uma boa pesquisa. Uma boa reflexão e curadoria do que se vê na internet pode evitar ou minimizar enganos, apagamentos, visões claramente distorcidas e interpretações errôneas em certa medida. Diante desse cenário é preciso estar atento para não massificar nossos alunos com informações prontas, a História é uma área do conhecimento que necessita de domínio de certas ferramentas investigativas de análise e reflexão que dentro do cenário tecnológico e social ao qual estamos inseridos tendem a ser um pouco negligenciadas. O professor de História sempre se apresenta como peça fundamental dessa lógica de ensino aprendizagem à medida que, em um universo onde existe o predomínio de aulas expositivas, fórmula

já consagrada e enraizada, existe pouco investimento, até por questão de tempo, em uma análise investigativa, característica fundamental da própria pesquisa empírica. Segundo afirma Schmidt e Cainelli, em relação ao professor de História ele não pode:

Modificar o passado, ao interpretá-lo e narrá-lo à luz das lutas individuais e coletivas. Ou seja, cabe ao professor de História “levantar questões sobre o presente e pensar o futuro a partir dos princípios da liberdade, democracia e cidadania. (SCHMIDT; CAINELLI, 2006)

O século XXI trouxe grandes desafios aos historiadores no contexto da transmissão de conhecimento histórico na era digital. Com o advento da internet, ainda que tenhamos severos problemas de acesso e conexão em todo o Brasil, temos uma facilidade na produção e divulgação de conteúdo científico, por outro lado as novas tecnologias permitiram, em certa medida e para o senso comum, uma evidente quebra da autoridade do historiador acadêmico sobre a produção do conhecimento histórico e do professor de História como divulgador / colaborador desse conhecimento. Mesmo com a regulamentação da profissão de Historiador, ocorrida em agosto de 2020, vale lembrar que os atuais tempos não são favoráveis para o exercício do ofício do Historiador, seja no Brasil ou em qualquer outra parte do mundo. Assim, essa pesquisa abre o leque de discussões acerca do que é denominado História Pública. Portanto, redimensionado a produção do conhecimento historiográfico para além dos campi universitários e, consequentemente, reacendendo o debate a respeito do monopólio e certa sacralização em torno do ofício do historiador.

Sobre essa temática, a atual realidade para a História Pública e a História Digital, em entrevista concedida à Cristiane d'Avila, do Observatório de História e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, o historiador Bruno Leal afirmou:

Mais recentemente, a história digital e a história pública vão dar grandes contribuições para a popularização dos saberes históricos. É quando a prática divulgadora começa a se profissionalizar e a se tornar muito mais consciente de si mesma. O que eu consigo notar, depois de fazer esse breve e imperfeito panorama da divulgação histórica, é que o interesse social pela história está aí faz tempo; mas o embate entre narrativas populares do passado se tornou muito mais pronunciado. Não me admira, então, que se fale tanto, hoje, em usos políticos do

passado, e que as pessoas que estudam isso tenham se aproximado tanto de campos como o da história pública, pois o que nós estamos vivendo é uma árdua disputa pelo passado. E se essa disputa, que é altamente energizada pela política, é tão maior hoje e se dá especialmente “aqui fora”, no nosso cotidiano, e não mais apenas em espaços intelectuais, é porque, em última instância, as pessoas, os grupos, as organizações, os movimentos sociais, os partidos políticos, todos estão mais cientes do papel do passado na conformação do mundo como nós o entendemos. Então, de forma direta, eu diria que, sim, estamos mais cientes para o valor da história para o presente. (...) O problema, a meu ver, é que a divulgação nunca foi prioridade, nunca empolgou tanto os historiadores, pelo menos a maioria, como empolgou a pesquisa e o ensino. Muitos projetos de divulgação – e aí eu me refiro sobretudo aos que são tocados por historiadores profissionais – tiveram trajetórias irregular e curta. Não tivemos tanta continuidade, interesse ou financiamentos como poderíamos ter. A comunicação científica na área de história desenvolveu-se bastante no último século, mas o mesmo não se deu com a divulgação científica na área. E aí, o ponto que eu quero chegar é: precisamos pensar a divulgação científica e a história pública como um projeto de longo prazo para a área de história, como uma de suas prioridades, como uma de suas vocações, precisamos pleitear mais investimentos das agências de fomento e preparar as novas gerações de historiadores dentro deste espírito, não como uma obrigação, claro, pois nem todo historiador deve ser historiador público, mas como uma possibilidade. Enquanto nós vivemos esse fenômeno de forma lateralizada, de forma meio periférica, os jornalistas se especializaram nessa comunicação pública da história – e de forma muito bem sucedida. Através de livros síntese, de biografias ou de documentários, eles conseguem dialogar muito bem com o público não-especializado, coisa que nós, historiadores, ainda temos muita dificuldade, apesar de todos os avanços que fizemos. Neste sentido, acho que os historiadores podem aprender muito com os jornalistas. Precisamos nos aproximar mais dos jornalistas, estabelecer parcerias, aprender uns com os outros. A narrativa histórica é antes de tudo um produto de comunicação (LEAL, 2021)

Perfeitamente conectado com a realidade da produção de conhecimento histórico e o papel do historiador no século XXI, o professor Bruno Leal segue a entrevista falando sobre informações históricas em sites de busca na internet e afirma:

Algoritmos são importantes, necessários e positivos em nossa vida. Algoritmos são usados, por exemplo, para prevenir acidentes fatais de carro, nos ajudam a produzir melhores vacinas, diagnosticar doenças com mais facilidade e a nos preparar para desastres naturais, de chuvas torrenciais a furacões e terremotos. Não podemos e não devemos evitá-los. Porém, devemos ser capazes de discuti-los criticamente e de frear usos antiéticos desses modelos matemáticos. Por isso é preciso levar ainda mais o debate das humanidades para os cursos de matemática e de ciência da computação, bem como criar legislações que possam controlar o uso de dados privados. É fundamental ainda lutar para que a comunicação social não esteja nas mãos de poucas *big techs*, como são conhecidas as grandes empresas de tecnologias. Não é uma luta fácil e nem um debate com o qual nós, historiadores, estamos acostumados, mas precisamos estar

minimamente dispostos e preparados para fazê-los. Eu não consigo pensar em muitas tarefas mais importantes para o historiador do século XXI do que o debate crítico sobre as implicações dos meios digitais para a circulação social dos saberes históricos (LEAL, 2021).

Este trabalho entende a importância das discussões existentes no cerne acadêmico, no que diz respeito à História Digital, mas também chama a atenção para a relação com novos espaços de construção do conhecimento histórico, tais como propostos pelos estudos no viés da História Pública. Podemos seguir na temática da História Digital e Pública citando Novikoff e Pereira (2013), onde os nativos digitais são aqueles que possuem uma forma de pensar de maneira hipertextual e que encontram vários ambientes de conexão para troca de informação, comunicação e espaço apropriado para desenvolver suas competências. Esses indivíduos nascidos na era digital, cercados por computadores, celulares, tablets e outros aparatos tecnológicos, desenvolveram outra relação cognitiva, inserida numa lógica diferente daqueles da era pré-digital. Esses outros indivíduos se inserem no quadro de imigrantes digitais. Nesse contexto entende-se que a História Pública e a História Digital dialogam.

Outro ponto acerca da História Pública, evidencia o seu potencial democratizante, à medida que suas formas estão inseridas nas possibilidades advindas da internet e no modelo da Web 2.0. E por isso existe uma relação intensa desse campo com aquela denominada História Digital, porque o diálogo é profícuo e, segundo Zahavi, “corresponde a um dos mais empolgantes e promissores movimentos da área”. (ZAHAVI apud CARVALHO, 2016, p.40). Por isso muitos historiadores da História Pública buscam relacionar a História Pública com a História Digital.

Para estabelecer essa relação entre o papel do historiador, o Ensino de História e desafios ao conhecimento histórico na era digital, a História Pública se mostra muito eficiente. Nesse sentido, uma obra pioneira no Brasil foi “Introdução à História Pública”, organizada por Juniele Rabêlo e Marta Rovai, foi muito importante e propõe-se a desenhar um trajeto que ilumina e motiva experiências em História Pública e ajuda a responder à inquietante questão: o que pode o historiador fora da universidade? A partir daí diversas outras obras versavam sobre a História Pública

trazendo questões como: Para que fazemos história? Para quem fazemos história? Com quem fazemos história? A história pública pode ser definida como um ato de “abrir portas e não de construir muros”, nas palavras de Benjamin Filene. (p. 7)

Nesse sentido as plataformas educacionais e videoaulas podem ser um dos variados lugares onde os historiadores podem e devem estar presentes, ainda mais no caso do trabalho desenvolvido pelo Polo Educacional Sesc que atinge milhares de estudantes de todo o Brasil, chegando de fato a um público diverso que, sem esse trabalho, pode estar sendo atingido diariamente pela construção de um saber não praticado com rigor histórico e método científico. Entendendo que História Pública é focada em conservar e divulgar a História, por diversos motivos já citados neste texto fica evidente que no atual contexto mundial a internet é um dos melhores espaços de divulgação do mundo.

Muitos autores já defendem um olhar especial e uma atitude de adequação à quebra da autoridade do historiador acadêmico sobre a produção do conhecimento histórico (MALERBA, 2017) e estabelecem uma linha de raciocínio que versa sobre a atual valorização da fragmentação e plurarização do conhecimento pelas diferentes mídias e como nesse contexto os historiadores veem sua tradição disciplinar sendo colocada em xeque diante das necessidades atuais da sociedade. (TURIM, 2018) Afinal existe sempre um entrelugar que se posiciona entre a autocrítica necessária que a academia deve fazer, pois fica evidente o afastamento do grande público e a construção de um conhecimento histórico sem o rigor metodológico.

Compreendendo a relação de diálogo entre a História Pública e a História Digital, mas sempre destacando que ambas não são, nem de longe, sinônimos, destaco a relevância desse campo de estudo levantada pela historiadora Anita Lucchesi.

Segundo Lucchesi:

História digital não é apenas a História on-line na internet, a História Digital é a História que é produzida, divulgada e interpretada a partir de métodos e ferramentas digitais, então é fundamental entender como essa combinação entre técnicas e ambientes digitais nos

ajudam a fazer História e interrogar o passado de uma outra maneira. Nesse sentido para trabalhar com grandes quantidades de dados, ou mesmo como no caso da minha pesquisa, para trabalhar com dados produzidos por uma instituição nacional com informações de todos as Unidades da Federação tende-se a entrar no terreno da História Digital. Se oferecermos as informações dos fatos, com a crítica das fontes, mas numa linguagem acessível, aquilo é o maior elemento que temos para combater *fake news*, mas só é possível levar isso para o grande público, se pararmos de falar somente para nossos pares, tentando se comunicar com um público mais amplo, se comunicar com o público que assiste novela, se comunicar com o público que lê as colunas do Eduardo Bueno, tentar também atingir essas audiências e fazer isso com coerência. (LUCCHESI, 2020)

Dessa forma permear esse trabalho de pesquisa com essas visões destaca o embasamento teórico histórico e evidencia a importância do papel e do ofício do historiador como agente fundamental da busca pelo rigor histórico e do método científico como forma de mitigar os impactos negativos da intensa produção de conteúdo danoso, inverídico ou sem embasamento divulgado na internet em profusão no atual contexto.

Reforça-se assim, especificamente na área de Ensino de História, a experiência do ensino remoto com o uso de plataformas educacionais e videoaulas, dentre outros recursos didáticos e tecnológicos, para promover a produção e divulgação de saber histórico ao grande público espalhado pelo Brasil, dentro do recorte de pesquisa do universo de alunos da instituição já mencionada, sob a ótica da chamada História Digital e da História Pública entendendo essa teorização dentro desses dois campos de estudo e reflexão do conhecimento histórico.

2.3- Políticas públicas, tecnologia e educação: principais pontos desde a virada do milênio até o contexto da pandemia do Covid-19

Na Educação as ideias de adaptabilidade e hibridismo didático-pedagógico nunca foram tão discutidas como no atual momento. Um dos maiores desafios

encontrados no contexto da pandemia de COVID-19 foi manter esses laços de afetividade e o engajamento acadêmico por parte dos alunos. Para resolver isso diversas reuniões foram realizadas entre professores, coordenadores e diretores, presencialmente ou via ferramentas e aplicativos de reuniões virtuais para debater esse grande desafio que causou o silenciamento de alunos, seja na fala ou na imagem, pelo simples clicar de um botão que o emudecia ou tirava a sua imagem, ou o mais grave, o simples abandono de percurso pedagógico e de conteúdos propostos pela instituição escolar.

No campo específico do Ensino de História o objetivo principal tende a discutir novas formas de apropriação do conhecimento histórico através das ferramentas existentes no mundo virtual. Precisamos ressaltar que a relevância da produção do conhecimento histórico está para além dos muros da escola e deve estar presente em outros espaços. Mas, ao mesmo tempo, precisamos reiterar que tais conhecimentos produzidos fora do espaço escolar precisam ser incorporados de maneira proveitosa no cerne da comunidade escolar. Perde-se muito quando há um mau direcionamento, por parte dos professores, na maneira como toda essa informação que tem sido produzida e que pode ser transformada em conhecimento. Normalmente isso acontece por dois fatores principais: em primeiro lugar, um certo desconhecimento das formas de aplicação dessas novas tecnologias, mesmo em se tratando da internet, uma ferramenta de certa forma popularizada. Em segundo lugar, um grande desinteresse por parte de muitos profissionais que muitas vezes rejeitam, ou não conseguem realizar, uma formação continuada e o exercício crítico das suas próprias práticas diárias. Importante destacar que a precariedade de políticas públicas mais efetivas dificulta aos profissionais da educação uma relação mais profícua, para que essas tecnologias sejam plenamente aplicadas e beneficiem o alunato com um aprendizado que dialogue com seu cotidiano.

Porém, por mais que as políticas públicas em nosso país possam ser deficitárias em vários aspectos, ainda assim é possível inserir a internet e as novas tecnologias com uma finalidade educacional. Por isso, mais do que depender de plataformas desenvolvidas exclusivamente pelo poder público, é fundamental aplicar novos significados a ferramentas desenvolvidas por empresas privadas que atuam de

maneira individual ou em parceria com o poder público, dessa forma esse parece ser um caminho promissor. Com base nessas premissas, assenta-se minha intenção com essa pesquisa, destacando usos e possibilidades que permitam tanto aos professores, quanto aos alunos ferramentas metodológicas de interpretação e análise das informações que são veiculadas na internet. Essa proposta me parece muito apropriada no contexto em que vivemos, afinal essa metodologia instiga a curiosidade, pois dialoga numa linguagem comum aos nossos alunos. A partir daí, objetiva-se desenvolver discussões que ampliem debates que contribuam para mudanças mais profundas da nossa sociedade.

Assim entendemos que um bom docente tem um papel fundamental na vida do seu aluno e a decisão sobre como deve ser a formação, a remuneração e o apoio aos professores ao longo da carreira gera impactos no projeto educacional de qualquer nação. Com as transformações constantes nas formas de aprender e ensinar, os cursos de licenciatura devem preparar os futuros professores para dialogarem com a nova realidade da sala de aula, atuando como mediadores e produtores de conteúdo pedagógicos nessas novas relações de aprendizagem. Dessa forma as videoaulas se tornam uma ferramenta poderosa de aprendizagem à medida que podem atingir o aluno mesmo fora do espaço físico escolar, em seu horário de maior interesse e disponibilidade. Para que isso ocorra é necessário introduzir esse assunto desde a graduação e ao longo da carreira docente com uma formação continuada. Porém, um dos grandes problemas que temos em nosso país é a forma com que se trata o professor.

Diversas ações têm sido tomadas nas últimas décadas para tentar amenizar os problemas da vida docente, melhorar o ambiente escolar e estimular o envolvimento dos alunos nos processos educativos. Quando falamos em políticas públicas para a educação ganha destaque a Lei 13005/2014, aprovada em 25 de junho de 2014, que estabeleceu o Plano Nacional de Educação (PNE). O PNE prevê formação inicial, formação continuada, valorização do profissional e plano de carreira. Inclusive estabelecendo algumas metas, tais como valorizar os profissionais do magistério das redes públicas da Educação Básica, a fim de equiparar o rendimento médio ao dos demais profissionais com escolaridade equivalente, até o final do sexto

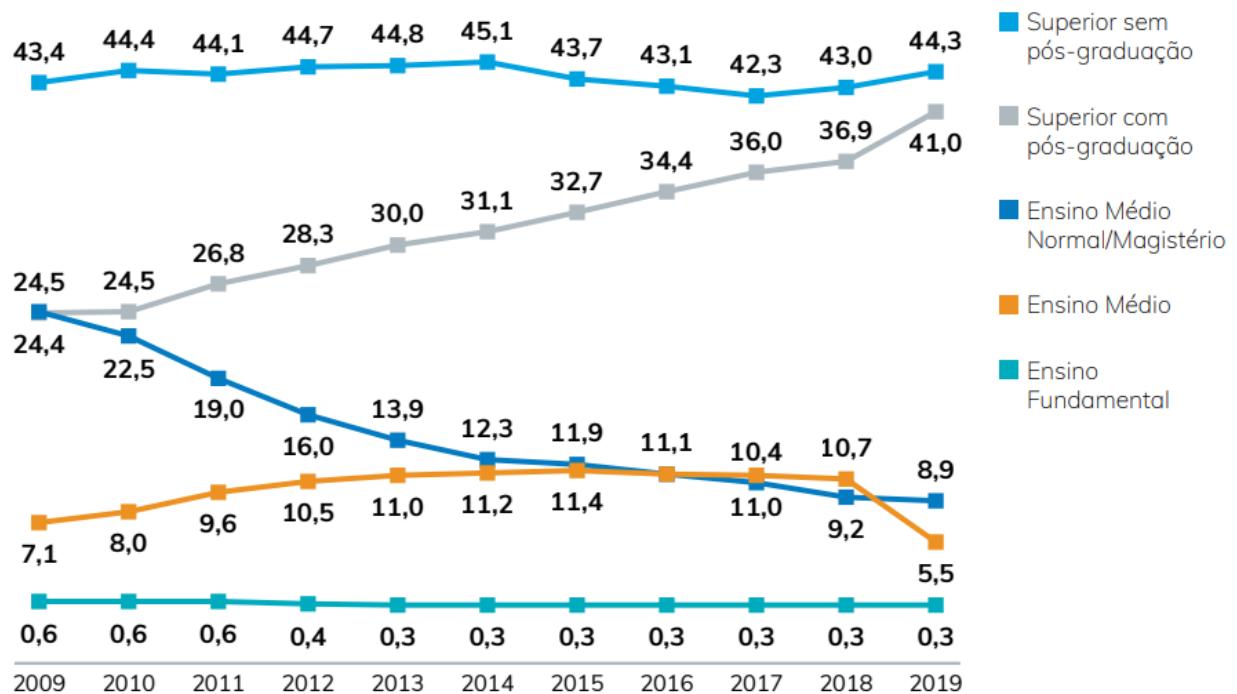
ano da vigência do PNE. E ainda assegurar, no prazo de dois anos, a existência de planos de carreira para os profissionais da Educação Básica e Superior pública de todos os sistemas de ensino e, para o plano de carreira dos profissionais da Educação Básica pública, no sentido de tomar como referência o piso salarial nacional profissional, definido em lei federal, nos termos do inciso VIII do art. 206 da Constituição Federal. Assim entendemos que no plano legal, em tese, o desenvolvimento da educação brasileira, através da melhoria de condições de trabalho tem se mostrado, porém o grande desafio é fazer com que as políticas públicas previstas em lei se efetivem no cotidiano do professor, refletindo no seu empenho e em condições de melhor formação que impactaram diretamente seus alunos.

Além da Constituição Federal, documentos como o Plano Nacional de Educação (PNE) tratam sobre a formação do professor. Um ponto de partida fundamental é entender que a formação inicial de grau universitário não assegura todo o conhecimento necessário para o exercício do magistério, sendo assim a formação continuada é uma condição basilar para enfrentar os desafios contemporâneos da educação.

De acordo com a meta 15:

Garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de um ano de vigência do PNE, política nacional de formação dos profissionais da Educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurando que todos os professores e as professoras da Educação Básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam. (PNE, 2001, p. 12)

No gráfico abaixo, que mostra professores da Educação Básica por nível de escolaridade em um recorte de 2009 a 2019, pode-se notar que cresce o número de professores com Ensino Superior e pós-graduação, e isso é muito bom, sendo também um reflexo de políticas públicas adotadas, principalmente a partir do início do milênio.



	2009	2019
Superior sem pós-graduação	858.975	979.196
Superior com pós-graduação	484.199	907.036
Ensino Médio Normal/Magistério	483.907	197.551
Ensino Médio	139.822	122.450
Ensino Fundamental	12.457	5.785

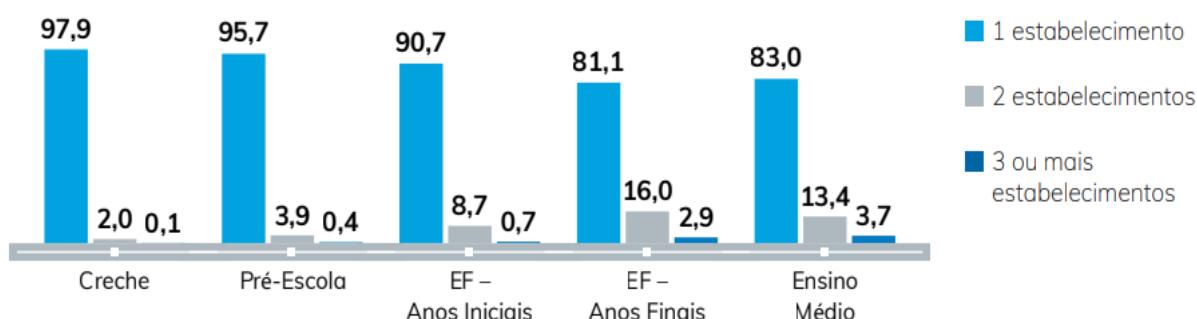
Fonte: MEC/Inep/DEED - Microdados do Censo Escolar. Elaboração: Todos Pela Educação.

Nas tabelas abaixo, segundo dados obtidos no Censo Escolar, organizado pelo Ministério da Educação, podemos analisar o local de trabalho dos docentes que lecionam na Educação Básica no Brasil, por quantidade de estabelecimentos que trabalham. Pode-se notar que existe um pequeno crescimento gradual ano a ano para a dedicação a só uma instituição, mas ainda muito distante de uma realidade ideal.

	Quantidade de estabelecimentos		
	1	2	3 ou mais
2009	77,1	18,6	4,2
2010	77,0	18,7	4,3
2011	77,5	18,4	4,1
2012	77,7	18,3	4,0
2013	77,9	18,1	4,0
2014	78,0	17,9	4,0
2015	78,3	17,7	4,0
2016	78,3	17,7	4,1
2017	78,5	17,4	4,0
2018	78,7	17,2	4,1
2019	78,9	16,9	4,2

Fonte: MEC/Inep/DEED - Microdados do Censo Escolar. Elaboração: Todos Pela Educação.

Dessa forma, aproximadamente um em cada cinco docentes brasileiros dá aulas em mais de uma escola. De acordo com o gráfico abaixo, construídos a partir de dados do Censo Escolar, organizado pelo Ministério da Educação, com um recorte no ano de 2019, por etapa, verificamos um cenário pré-pandemia de Covid-19, logo, diante de todos as consequências negativas sabidas, vivenciadas e também analisadas nesse trabalho preocupa-nos o aumento da gravidade desse cenário.



Fonte: MEC/Inep/DEED - Microdados do Censo Escolar. Elaboração: Todos Pela Educação.

Ao observarmos, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), junto às Secretarias Municipais de Educação, elaborado pela organização não governamental Todos pela Educação, percebemos que os municípios que preveem, no plano de carreira do Magistério, dois terços de carga horária para atividades em

sala de aula, de acordo com números de 2018, ainda estão longe do ideal, fazendo com que a ampliação de tempo para planejamento pedagógico ainda seja um desafio para os municípios de todo o Brasil.

	Absoluto	%
Brasil	4.134	74,2
Municípios por faixa populacional		
Até 5 mil habitantes	906	72,1
De 5.001 a 10 mil habitantes	902	75,0
De 10.001 a 20 mil habitantes	1.025	76,0
De 20.001 a 50 mil habitantes	821	74,9
De 50.001 a 100 mil habitantes	255	73,1
De 100.001 a 500 mil habitantes	189	71,3
Mais de 500 mil habitantes	16	64,0
Capitais	20	74,1

Fonte: IBGE/Munic. Elaboração: Todos Pela Educação.

Sempre é importante ressaltar que esta dissertação se dedica a falar essencialmente sobre uso de novas tecnologias em ambiente escolar e que para isso ocorra de forma adequada é necessário primordialmente disponibilidade de tempo e planejamento para organizar o material e conteúdo a ser utilizado, bem como a análise das melhores metodologias ativas a serem utilizadas de acordo com a atividade pensada e proposta, sendo assim ter tempo para planejamento de aulas e para formação continuada é um fator fundamental para encararmos os desafios sociais e educacionais do século XXI.

Normalmente o tempo do professor presencialmente na escola é dedicado ao contato com os alunos, sendo assim dentro da jornada de trabalho sobra pouco ou nenhum tempo para o estudo de novas práticas. Se somarmos a isso o tempo de deslocamento e os afazeres particulares da vida de cada um, faz com que um percentual muito grande de professores não consiga ter disponibilidade de tempo para investir em formação continuada, não somente voltada para capacitação na sua área

de conhecimento, mas também para aspectos didáticos-metodológicos bem como novas tecnologias.

Para lidar com as novas tecnologias e desafios atuais, a formação continuada mostra-se fundamental, mas desde a graduação é importante preparar os futuros professores para atuarem nesse novo contexto, onde possam ser mediadores, saibam promover a inclusão de todos os alunos e estejam constantemente atualizados de acordo com uma didática alinhada ao século XXI, sendo preparados para utilizar, no seu dia a dia, todos os equipamentos e ferramentas que possam oferecer uma aprendizagem diferenciada para os alunos.

Outro alicerce de defesa do uso de novas tecnologias na Educação foi a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homologada em 20 de dezembro de 2017 pelo ministro da Educação, José Mendonça Filho. Tendo como fim o desenvolvimento de competências, dentre várias disciplinas, meios e itinerários, as relacionadas ao próprio uso das tecnologias, recursos e linguagens digitais existem as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) em diversas práticas sociais, como destaca a competência geral 5.

De acordo com a competência geral 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018, p. 9)

Devemos ressaltar que para atingir todos esses objetivos esperados os professores do Brasil, em média recebem um baixo salário somando-se a isso a desvalorização da carreira. Assim muitos professores procuram por estratégias que visem a manter a qualidade de vida. Porém, a maioria tende a aumentar seus turnos de trabalho ou assumir funções extras (como coordenação e outros cargos administrativos), o que leva a uma maior dificuldade do professor em conciliar suas atividades pessoais e profissionais, influenciando negativamente o cotidiano da sala de aula. No Brasil, é comum encontrar profissionais que trabalham em mais de uma

instituição de ensino, durante até 3 turnos, e utilizam o resto das horas que sobram para preparar cronograma de aula, corrigir provas e lidar com urgências comuns ao ambiente educacional. Tanto no ensino presencial quanto no ensino remoto ou na Educação à Distância o tempo para planejamento de atividades é primordial.

Em uma sala presencial a média de estudante em uma única classe é de 25 a 30 podendo chegar a 40 alunos, enquanto no ambiente virtual observamos práticas, muitas vezes ilegais, onde esses profissionais chegam a atender a muitas dezenas de alunos ou mais, visto que a “capacidade” de uma sala virtual pode chegar na casa de algumas centenas ou milhares de pessoas online ao mesmo tempo, dependendo da ferramenta, aplicativo, programa ou site utilizado. Diante desse cenário cansativo, muitas vezes sobra pouco tempo para capacitação e para observar o desempenho individual de cada educando. O professor é uma peça-chave na educação do país e, se quisermos dar prioridade à educação tanto no presencial quanto no virtual, precisamos valorizar o professor em termos de salário, de condições de trabalho, além do reconhecimento social da importância da profissão. (Tokarnia, 2015). Por isso é primordial o papel de instituições como o SESC que através do seu Polo Educacional procura propiciar um ambiente adequado para seus professores dando a condição e infraestrutura necessária para que esse trabalho docente garanta aos estudantes, que são a razão fundamental desses projetos, que sejam atendidos da melhor forma possível dentro das possibilidades de cada um e da dimensão territorial e logística do Brasil.

A crise de dimensão planetária, que deixou 1,5 bilhão de crianças e jovens temporariamente fora da escola, veio agravar as desigualdades de oportunidades de aprendizagem para alunos pobres e ricos, de redes públicas e privadas, entre pretos, pardos e brancos, nas diferentes regiões do País.

CAPÍTULO 3

USOS DA PLATAFORMA DO POLO EDUCACIONAL SESC NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19 E POSSIBILIDADES POSTERIORES

3.1 – Alcançando alunos do Ensino Médio da Escola Sesc em todo o Brasil no contexto da pandemia do Covid 19

Ao longo dessas páginas este trabalho aborda a crescente importância das plataformas educacionais no contexto do ensino à distância. Com a evolução tecnológica e as mudanças sociais, a educação à distância se tornou uma modalidade de ensino extremamente exigida, especialmente em situações de pandemia como a vivenciada recentemente em escala global. Nesse cenário, as plataformas educacionais desempenham um papel fundamental na promoção do acesso à educação, na personalização do aprendizado e na integração de recursos diversos para aprimorar a experiência do aluno.

Entendemos então que o ensino à distância, ou EaD, é uma modalidade de ensino que se vale de tecnologias de informação e comunicação para permitir que estudantes e professores interajam, colaborem e aprendam de forma remota. Certamente sabemos a importância do ensino presencial para sociabilidade, para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, dentre outros aspectos, porém é importante destacar que em alguns contextos socioeconômicos e, no caso do Brasil com a sua imensidão territorial e suas precariedades da rede pública, fica dificultado o acesso à educação de diversos possíveis alunos. Dessa forma é importante entender que dentro de condições normais a Educação à Distância não deve substituir o ensino presencial, porém dentro de especificidades citadas aqui anteriormente como a distância, as mudanças sociais e tecnológicas do século XXI, o ritmo de vida das pessoas, a dificuldade na rede de transporte, e no caso do cenário principal desse trabalho: a pandemia da Covid-19, o ensino à distância mostra-se eficiente se certos requisitos forem atendidos. Ter uma estrutura robusta, consistente, disponível e capilarizada é fundamental para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem nessa modalidade. Por esse motivo esse capítulo se dedica a abordar a experiência

do Polo Educacional SESC para atingir diferentes alunos, em diversos estágios de aprendizagem e faixas etárias em variadas Unidades da Federação.

No século XXI, as plataformas educacionais se tornaram peças-chave nesse cenário, proporcionando um ambiente virtual de aprendizado que vai muito além de simples repositórios de conteúdo. As plataformas educacionais oferecem uma série de funcionalidades que tornam a educação à distância mais eficiente e eficaz. Isso inclui a disponibilização de conteúdo multimídia, interatividade, avaliações online, acompanhamento do progresso do aluno e fóruns de discussão. Essas ferramentas permitem a criação de experiências de aprendizagem dinâmicas e adaptáveis, atendendo a diferentes necessidades e estilos de aprendizagem. Uma das maiores vantagens das plataformas educacionais é a capacidade de personalização do ensino. Com base em dados de desempenho e preferências do aluno, é possível oferecer recomendações de conteúdo, adaptar o ritmo de aprendizagem e fornecer experiências de ensino mais personalizadas. Isso não apenas aumenta a eficácia do ensino, mas também promove a motivação e o engajamento dos estudantes.

Garantida a premissa de gratuidade e qualidade, princípios fundamentais em experiências como as do Polo Educacional do Sesc, as plataformas educacionais também desempenham um papel fundamental na democratização da educação. Elas minimizam barreiras geográficas e econômicas, permitindo que estudantes de diferentes partes do país e com diferentes recursos tenham acesso a cursos de qualidade. Isso contribui para a redução das desigualdades educacionais e para a formação de uma sociedade mais equitativa, mas sempre destacando que as condições iniciais de acesso (computadores, celulares e outros *gadgets* disponíveis gratuitamente ou com baixo custo, acesso estável à internet gratuita ou a uma conexão de baixo custo) são fundamentais para o êxito dessa modalidade, caso contrário tende a aumentar as desigualdades, tal como observamos em variados locais do Brasil, em meio às diferentes classes sociais, durante a pandemia.

Dentro do contexto dos aspectos citados anteriormente reforçamos as limitações da Educação à Distância destacando que, apesar das inúmeras vantagens, as plataformas educacionais também enfrentam desafios. A falta de interação presencial, a possível sobrecarga de informações digitais e a necessidade de infraestrutura tecnológica são algumas das limitações desse modelo. Além disso, a

qualidade do ensino online depende da capacitação dos professores e da elaboração cuidadosa dos conteúdos. São esses gargalos que o Polo Educacional Sesc se esforça para equacionar, como, por exemplo criando modelos híbridos com a maior parte do conteúdo remoto, mas garantindo, dentro da carga horária original, momentos de encontros presenciais. Isso em escala municipal é de razoável realização, em âmbito estadual já se torna uma operação difícil, mas em nível nacional só uma instituição com muito estrutura e capilaridade é capaz de se aproximar de bons resultados.

Ao analisarmos o mundo e as transformações sociais da atualidade pode-se imaginar que o futuro do ensino à distância com plataformas educacionais é promissor. À medida que a tecnologia continua a avançar, podemos esperar a incorporação de inteligência artificial, realidade virtual, aprendizado adaptativo e outras inovações que tornarão o ensino online ainda mais eficaz e envolvente. No entanto, é fundamental abordar os desafios identificados, investir na formação docente e garantir o acesso equitativo a essas tecnologias, pois as plataformas educacionais desempenham um papel fundamental no ensino à distância contemporâneo, oferecendo oportunidades de aprendizagem flexíveis e personalizadas. Em certa medida, elas têm o potencial de democratizar a educação, tornando-a acessível a um público mais amplo. No entanto, é importante considerar os desafios e limitações desse modelo e trabalhar para superá-los, garantindo que a educação à distância com plataformas educacionais continue a evoluir e a melhorar a qualidade da educação no século XXI.

Segundo Bates (2017), as plataformas educacionais desempenham um papel fundamental na redução das barreiras geográficas e econômicas para a educação. Eles permitem que estudantes de diferentes partes do mundo tenham acesso a cursos de qualidade, eliminando a necessidade de deslocamento. Além disso, ao oferecer uma variedade de formatos de conteúdo, como vídeos, textos e outros.

Sendo assim, essa parte do trabalho se propõe a traçar um painel sobre os impactos da pandemia de Covid-19 pelos estados e regiões do Brasil a partir do recorte sobre a experiência dos estudantes do Polo Educacional Sesc, procurando estabelecer perspectivas para melhora do desempenho acadêmico e socioemocional

para os próximos anos, a partir da análise de pesquisas realizadas entre estudantes dessa instituição, ao longo do ano de 2020 e início de 2021, que apresentam diversos dados sobre perfil demográfico e distribuição por estados e regiões do Brasil, dados gerais socioeconômicos, geográficos, acerca da vivência, rendimento e assistência escolar em 2020, o perfil digital que discrimina informações sobre acessibilidade tecnológica, ambiente e hábitos de estudo.

Para atingir esse objetivo é fundamental analisar os dados coletados de estudantes de todo o Brasil, que enfrentam realidades tão distintas e ao mesmo tempo muito ricas que poderão atender a outro objetivo dessa pesquisa que é refletir sobre o ensino remoto em tempos de crise apontando caminhos e gargalos. Dessa forma ao apresentar estratégias encontradas pelo Sesc que, em respeito ao compromisso da instituição, com base no princípio da responsabilidade social e de atenção ao momento atual, marcado por graves desigualdades do ensino acentuadas pela pandemia Covid-19, refletir sobre a experiência dessa tradicional, e ao mesmo tempo inovadora instituição nos permite ter uma ampla perspectiva desses impactos por todo o Brasil, graças à capilaridade do Sesc.

Não podemos falar de utilização de plataformas educacionais e em Ensino à Distância sem repercutir um aspecto fundamental desse processo que é a ética digital. Apesar de estarmos em um ambiente virtual, todos os ritos, protocolos e posturas esperadas em uma sala de aula presencial devem ser respeitadas tendo em vista a grande exposição que temos quando usamos a internet. No Brasil, a Lei nº 13.853, mais conhecida como Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), regulamenta o tratamento de dados fornecidos às pessoas ou empresas. Os materiais produzidos, assim como no espaço escolar presencial devem respeitar os direitos que protegem as criações intelectuais em todas as formas de expressão artísticas, literárias ou científicas. No Brasil, a Lei 9.610/98, protege todas essas produções. Comportamentos que remetam à violência e assédio virtual, também conhecidos como cyberbullying, se constituem no ato de ofender, ridicularizar, perseguir, excluir, intimidar ou ameaçar uma pessoa ou grupo de pessoas por meio de mídias sociais, mensagens instantâneas, divulgação de vídeos, imagens e dados pessoais da vítima. O assédio virtual pode se encaixar nos crimes de calúnia, difamação e injúria, de

acordo com o Código Penal, e no caso de menores de idade, estes podem ser submetidos a medidas socioeducativas previstas no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), além da responsabilização dos pais do adolescente.

Entendidos os protocolos sociais em um ambiente virtual, é importante destacar que, quando falamos de didática e práticas de ensino-aprendizagem no século XXI, certamente percebemos que as novas tecnologias (celulares, internet, computadores, *tablets*, *games*, entre outros) estão no centro dessa questão. Dessa forma trazem dúvidas, desafios, inovações e grandes possibilidades na construção de conhecimento, desenvolvimento cognitivo e enriquecimento das relações entre professores e alunos dentro do espaço escolar, que atualmente, não se restringe apenas ao espaço físico, mas que fundamentalmente nas últimas décadas tem se estabelecido no espaço virtual através de nossas plataformas educacionais e videoaulas.

Soma-se a isso um terrível contexto de uma pandemia de Covid-19 e todos os impactos que ela pode provocar na educação de jovens por todo o país. É a partir desse cenário que se insere a importância do trabalho desenvolvido pelo Sesc e, particularmente dessa pesquisa. Uma ação educativa que pretenda incidir na realidade no sentido de transformá-la, precisa, antes de tudo, conhecê-la, ainda que num nível prático. Somente assim poderá oferecer um caminho alternativo aos sujeitos nela inseridos, em nosso caso, jovens dos setores populares matriculados na escola pública. Sem desconhecer o esforço cotidiano de professores que, em condições quase sempre adversas, têm conduzido milhares de jovens ao ensino superior e ao mundo do trabalho, vários desafios ainda se fazem presentes na realidade do ensino médio brasileiro.

Não obstante o crescimento da taxa líquida de matrículas no ensino médio em 2019, alguns desafios permanecem presentes. O Anuário Escolar (2020) revela que:

- a) 61,8% dos jovens de 15 a 17 anos que pertencem aos 25% mais pobres estão matriculados no Ensino Médio, contra 90,8% entre os 25% mais ricos;
- b) de cada 100 alunos ingressantes na escola, apenas 65 terminam o ensino médio com 19 anos. Entre os 25% mais pobres, esse percentual é de 51% contra 88% entre os mais ricos. Dos 100 alunos ingressantes,

somente 29% alcançam conhecimento adequado em Língua Portuguesa, e apenas 9%, em Matemática;

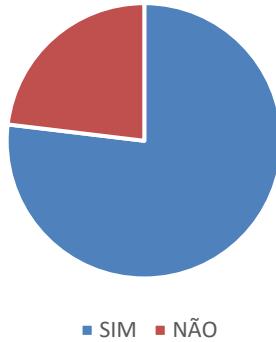
c) considerando o percentual regional dos que terminaram o ensino médio aos 19 anos, temos a seguinte distribuição: Norte com 52,9%, Nordeste com 57,7%, Sudeste com 72,1%, Sul com 67,3% e Centro-Oeste com 69%.

E no contexto da pandemia tudo se agravou, principalmente entre os mais pobres. Nesse sentido a educação gratuita fornecida pelo Polo Educacional Sesc se mostra transformadora para muitos jovens. Conforme mostra o PNAD/Covid de julho de 2020, 76,3% tiveram acesso a atividades acadêmicas no primeiro semestre; 17,1% não tiveram nenhum acesso e 6,6% estavam em período de férias escolares. Fazendo o recorte raça/cor, 82,1% de brancos tiveram acesso a atividades contra 70,4% de negros. Considerando a renda domiciliar per capita, entre os 25% mais ricos, 83,6% tiveram atividades contra 70,1%, entre os 25% mais pobres. Há que se considerar que os aspectos quantitativos não se traduzem necessariamente em qualidade das atividades acadêmicas. Relatos de educadores que atuam na rede pública de ensino têm sinalizado para uma cultura de resistência ao ensino remoto por parte das famílias e desconfiança a respeito das aprendizagens. É nesse sentido que, pegar esse recorte e se debruçar sobre os dados para entender como foi a experiência dos estudantes na Escola Sesc de Ensino Médio no ensino regular e analisar as informações trazidas pelos estudantes de outras escolas apoiados pelo Polo Educacional SESC, podendo traçar um excelente perfil, tanto no aspecto quantitativo quanto no aspecto qualitativo, sobre o impacto da pandemia na vida escolar desses jovens.

Conforme mencionado em diversos pontos deste trabalho a metodologia de pesquisa se baseia nos dados coletados de pesquisas realizadas com estudantes do Polo Educacional Sesc. A partir dessas informações poderemos traçar um painel dos impactos da pandemia de Covid-19 na realidade escolar desses estudantes espalhados pelo Brasil, identificando lacunas, problemas enfrentados na rotina discente e questões relacionadas à acessibilidade e infraestrutura.

Ao analisar esses dados percebemos que tivemos 1.956 videoaulas produzidas e lançadas no canal oficial da Escola Sesc de Ensino Médio no *Youtube* (ESEMFLIX) com 211.619 visualizações em 2019, com duas principais faixas de audiência do nosso público-alvo entre às 14:00 e 17:00 e entre 19:00 e 21:00. Podemos encontrar em outro questionário uma ligação direta com o dado apresentado anteriormente sobre as faixas preferenciais de visualização das nossas videoaulas. A pergunta era: Você concilia seus estudos com outras atividades (trabalho, atividades domésticas, cursos)? Responderam SIM 76,9% e 23,1% responderam NÃO.

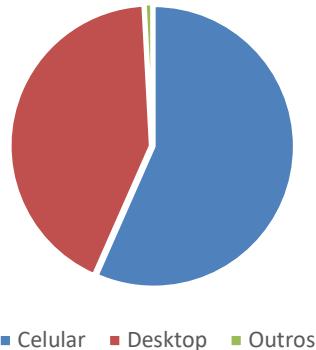
Você concilia seus estudos com outras atividades
(trabalho, atividades domésticas, cursos)?



Diante desses dados podemos supor que a maioria esmagadora dos nossos alunos tem na realização de outras atividades obrigatórias, principalmente no lar, um grande concorrente para seu desenvolvimento nos estudos.

Em outra pergunta podemos observar que 56,61% dos usuários de nosso canal de videoaulas acessa com *desktop* e 42,54% acessam com celulares, enquanto menos de 1% acessam por outro meio.

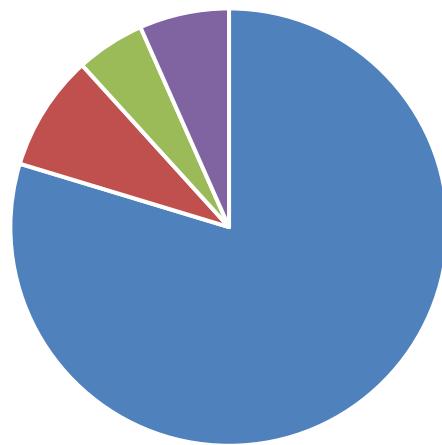
Qual é o seu meio de acesso ao nosso canal de videoaulas?



A partir desses dados podemos evidenciar a importância dos aparelhos celulares na educação, frente aos computadores tipo *desktop* que, durante muito tempo, foram sinônimo de uma sala de aula tecnológica e atualmente esse uso pedagógico de tecnologia nos parece cada vez mais ligado à mobilidade proporcionada por um celular e não a um espaço físico estabelecido evidenciando a fluidez, em variados aspectos, desse milênio.

Utilizando esta mesma metodologia de pesquisa chegamos a uma pergunta que trata de estudos no contexto da Covid-19 para 256 alunos, de diversas partes do Brasil, que ingressaram no 1º ano do Ensino Médio em 2021: Como sua escola trabalhou os conteúdos durante o isolamento social em 2020? Obtivemos a resposta que 79,68% trabalhou por plataformas, 8,59% trabalhou por livros e apostilas, enquanto 5,09% não trabalhou de forma alguma, restando 6,64% que trabalhou com outros meios.

Como sua escola trabalhou os conteúdos durante o isolamento social em 2020?



Baseado na análise desses dados e no público-alvo que respondeu à pergunta que podemos observar que a maioria dos ingressantes no ano de 2021 teve a assistência, por parte de sua escola de origem, em relação ao acesso à recursos didáticos, porém cabe destacar que, ao constatar que esses alunos passaram por um processo seletivo, já se observa um perfil mais selecionado, mesmo que tenha ingressado por sorteio, teve outras etapas de seleção, apurando estes estudantes e constituindo naturalmente um corpo discente com uma qualidade e acesso à recursos e informações acima da média, mesmo em um cenário pandêmico.

Através de relatórios, pesquisas e planilhas, tais como os citados aqui, poderemos compreender melhor esse recorte do cenário educacional brasileiro promovendo o cruzamento desses dados traçando um perfil. São diversos relatórios e pesquisas internas tanto com alunos do Polo Educacional Sesc, disponibilizados pela instituição que me permitem um quadro geral muito amplo.

3.2 – Atendimento a alunos de escolas públicas de todo o Brasil durante a pandemia

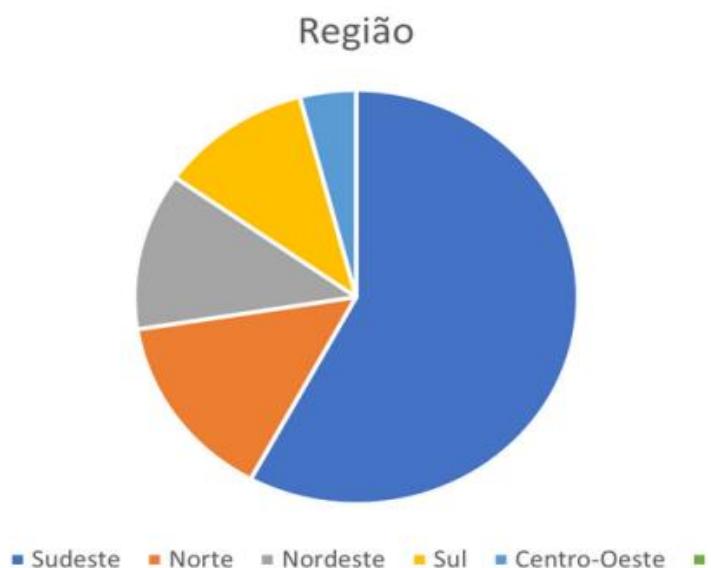
O Polo Educacional Sesc se propôs, como uma iniciativa de inclusão social de estudantes dos setores populares, oriundos de escolas públicas de todo o Brasil, a apresentar um caminho de apoio durante a pandemia, na esperança de que os jovens, apoiados pelo programa, permaneçam e sejam bem-sucedidos em suas escolas de origem, já que era um programa de acompanhamento em modalidade remota e de forma totalmente gratuita, onde os estudantes receberam atividades de apoio/reforço nas disciplinas curriculares, por meio de videoaulas e demais estratégias de aprendizagem disponibilizadas através de uma plataforma digital; acompanhamento tutorial com profissionais especializados; acesso a atividades culturais; apoio acadêmico específico voltado ao ENEM; palestras motivacionais, educacionais e de orientação de carreira (Edital 2020).

O programa contava com 23 professores, de todas as disciplinas do Ensino Médio, responsáveis pela produção de conteúdos, pelos encontros semanais síncronos e pela tutoria semanal dispondo de 12 horas semanais cada um para cumprir a tripla tarefa. Um ponto fundamental para a boa realização deste ousado projeto foram as 25 reuniões realizadas pela equipe de professores e coordenação para planejar conjuntamente, compartilhar experiências em prol da melhor produção e compartilhamento dos conteúdos e do material didático, mas também para se apoiar mutuamente no sentido de zelar pela saúde mental dos profissionais.

Como um dos resultados quantitativos e qualitativos podemos destacar os 673 objetos de aprendizagem digitais produzidos, dentre videoaulas (321), PDF (115), Verificações de Aprendizagens (159) e outros (58). Foram oferecidas aulas assíncronas nos 12 componentes curriculares por meio de uma plataforma digital com conteúdos acadêmicos (videoaula, pdf, atividades de avaliação e material de aprofundamento). O acompanhamento foi feito mensalmente através dos grupos de tutoria inscritos na plataforma moodle. O fato de estudante não estar ativo na plataforma de conteúdos, não significou estar inativo no programa, pois além dos

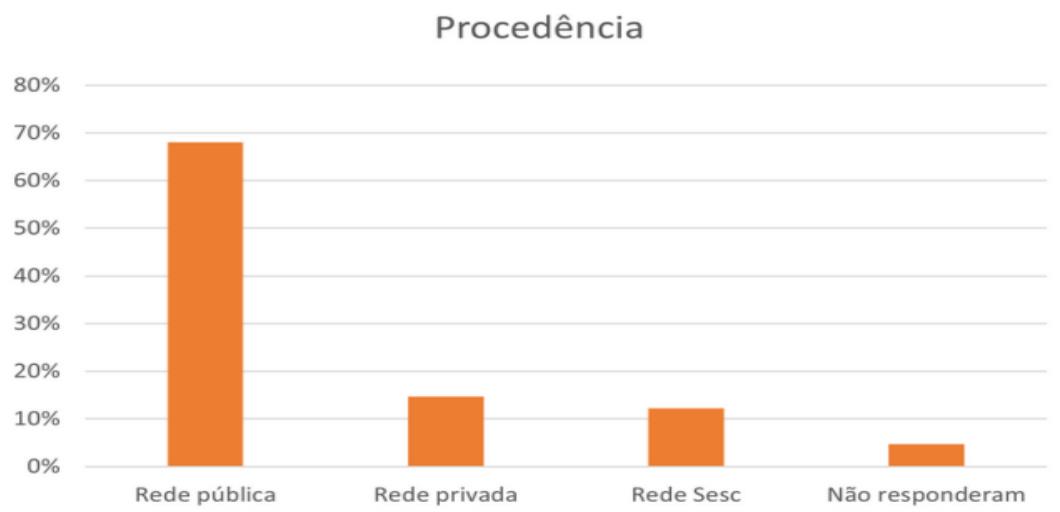
encontros semanais de tutoria, os alunos frequentaram também as aulas síncronas de dúvidas.

Distribuição geográfica



Os dois editais chegaram, através dos regionais e das redes sociais, em todas as unidades da federação. O programa atendeu jovens do primeiro ano de todos os 27 regionais do Sesc. A região Sudeste se fez representar por 57,90%, a Norte com 14,60%, a Nordeste com 12,30%, a Sul com 11,10%, e a Centro-Oeste 4,10%. A distribuição geográfica exposta é essencial para entender a importância de uma estrutura robusta, capaz de chegar em diferentes regiões brasileiras, por motivos populacionais e de infraestrutura de comunicação e tecnologia, a região Sudeste aparece como preponderante, porém é importante destacar o alcance em todas as regiões do Brasil.

Procedência dos estudantes



A imensa maioria dos estudantes procedeu da escola pública (68%), depois da rede privada (17,7%), nesta rede, 12,2% procedem das escolas do Sesc. 4,7% não responderam à questão. Esses dados indicam o caráter social desta iniciativa ao atingir um público majoritariamente oriundo da rede pública de ensino.



460
Média mensal de alunos ativos

As duas entradas no programa (editais 1 e 2) somaram 680 estudantes, entre março e novembro de 2021. Porém, o nível de acesso mensal reflete de certa maneira a relação do estudante com o programa durante a pandemia. Inicialmente houve uma grande procura pela plataforma. Houve uma diminuição na medida também em que os alunos foram entendendo a identidade do programa, cujo acesso previsto era irregular. No segundo semestre, começou a funcionar o regime híbrido nas escolas de origem, o que refletiu no acesso ao programa. Os acessos diminuíram em outubro em razão de as aulas, em alguns estados, terem voltado ao regime presencial. O programa funcionou para muitos alunos como suplência de aulas regulares que não tiveram na escola de origem por várias razões.



As visualizações do mês de março, quando funcionava apenas a tutoria online, não é tão evidente. Porém, a partir de abril, quando se disponibilizou a plataforma de conteúdos, os dados foram mais relevantes. Como paralelamente à plataforma oferecia-se 18 aulas semanais de todas as disciplinas, os estudantes não eram obrigados a acessar a mesma para as videoaulas. Porém, a plataforma disponibilizou também recursos para o Projeto de Vida, informes gerais semanais, tutoria, métodos de estudos, cursos livres, atividades culturais, entre outras coisas.



Nos encontros síncronos obteve-se uma média de 1348 alunos mês, esses encontros se mostraram relevantes na medida em que possibilitaram uma interação em tempo real entre alunos e professores, sendo para muitos alunos a aula que não tiveram em sua escola de origem durante o tempo da pandemia. Definitivamente foi espaço para fixar o aprendizado da escola de origem, revisão e aprofundamento de conteúdos.

Sem vínculo afetivo não há educação remota possível. Antes de tudo está o encontro de pessoas. A tutoria semanal ofereceu suporte aos estudantes nesta hora difícil da história do país, marcada pelo isolamento social provocado pela pandemia. Foi espaço de diálogo, orientação acadêmica, integração e elaboração do Projeto de Vida.



Ocorreram 32 encontros semanais em pequenos grupos com 602 participantes ao mês. Dessa forma totalizando 2757 presenças nos 623 encontros de tutorias que foram muito importantes para trabalhar Projeto de Vida, método de estudos, acompanhamento acadêmico, planejamento de estudos e suporte emocional. Esses encontros se mostraram um grande espaço de escuta, afeto e cuidado com os estudantes.

Em qualquer processo de ensino aprendizagem é fundamental esse contato entre professor e aluno, por esse motivo desenvolver essa afetividade em ambiente remoto, em uma sociedade que cria vínculos cada vez mais frágeis dentro de uma lógica de amor líquido e para piorar as coisas em meio a contexto de pandemia se mostrou um grande desafio. Em certa medida os encontros com professores tutores, onde se debatia assuntos para além dos conteúdos curriculares, se fez muito importante garantindo laços e contato em rede social entre estes alunos e seus professores até a atualidade.

3.3 – Utilizando a Educação à Distância para a inclusão social e a qualificação profissional na Educação de Jovens e Adultos (EJA) pelo Brasil

Se no ensino regular os impactos da pandemia foram efetivos, profundos e potencialmente duradouros, quando falamos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essas consequências tornam ainda mais evidentes, afinal estamos falando de um público alvo que possui maioridade etária, onde muitos tem uma desgastante jornada de trabalho na rua ou no lar, em sua maioria fazem parte de grupo da população economicamente desfavorável e diretamente afetados com as questões da pandemia de Covid-19.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua), realizada em 2019, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o Ensino Médio. Apesar da proporção de pessoas de 25 anos ou mais com ensino médio completo ter crescido no país, passando de 45,0% em 2016 para 47,4% em 2018 e 48,8% em 2019, mais da metade (51,2% ou 69,5 milhões) dos adultos não concluíram essa etapa educacional.

A seguir podemos observar o que mostra no módulo Educação algumas questões fundamentais apontadas na PNAD contínua de 2019.

Pessoas de 18 a 24 anos - 2019

	Taxa de escolarização	Taxa ajustada de frequência escolar líquida	Frequência escolar adequada	Atraso escolar dos estudantes	Não frequenta escola e já concluiu a etapa	Não frequenta escola e não concluiu a etapa
Brasil	32,4	25,5	21,4	11	4,1	63,5
Norte	33,3	21	18	15,2	3	63,7
Nordeste	32	19,5	17	15	2,5	65,5
Sudeste	31,2	28,1	23,2	8	4,9	63,8
Sul	34,6	30,6	25,9	8,8	4,8	60,6
Centro-Oeste	35	31,1	25,4	9,6	5,7	59,3
Homem	30,7	21,5	18,4	12,3	3,1	66,3
Mulher	34,2	29,7	24,5	9,7	5,1	60,7
Branca	37,9	35,7	29,7	8,2	6	56,1
Preta ou parda	28,8	18,9	16,1	12,7	2,8	68,3

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019

Entre os principais motivos para a evasão escolar, os mais apontados foram a necessidade de trabalhar (39,1%) e a falta de interesse (29,2%). Entre as mulheres, destaca-se ainda gravidez (23,8%) e afazeres domésticos (11,5%). O principal motivo para os jovens terem abandonado ou nunca frequentado escola era a necessidade de trabalhar, apontada por 39,1%, seguido pelo não interesse (29,2%). Para os homens, 50% disseram precisar trabalhar e 33% relataram não ter interesse. Para as mulheres, o principal motivo foi não ter interesse em estudar (24,1%), seguido de gravidez e trabalho (ambos com 23,8%). Além disso, 11,5% das mulheres elegeram realizar os afazeres domésticos como principal motivo de terem abandonado ou nunca frequentado escola, enquanto para homens este percentual foi inexpressivo (0,7%).

Na tabela a seguir, podemos observar pessoas de 14 a 29 anos com nível de instrução inferior ao ensino médio completo e que já frequentaram escola, segundo a idade que abandonou a escola pela última vez, por sexo, cor ou raça e Grandes Regiões em 2019.

	até os 13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	19 anos ou mais
Total	8,5	8,1	14,1	17,7	17,8	15,8	18
Homem	9	7,7	13,6	17,4	18	16,9	17,5
Mulher	7,8	8,8	14,9	18	17,4	14,3	18,8
Branca	8,3	9,5	14,6	19,4	18,2	15,2	14,9
Preta ou parda	8,6	7,7	13,9	17	17,6	15,9	19,2
Norte	9,7	7,3	11,3	14	15,2	15,9	26,6
Nordeste	9	7,3	13,9	14,9	16,4	16,2	22,2
Sudeste	8,7	9	14,9	21,6	18,2	14,6	12,9
Sul	7,1	9,9	16,3	19,2	20,6	15,5	11,4
Centro-Oeste	5,9	6,3	12,2	16,6	20,6	18,6	19,9

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Diante deste cenário as possibilidades de inclusão social que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) pode oferecer se potencializam, porém tendem a esbarrar nas mesmas problemáticas do ensino regular remoto e presencial, tais como dificuldade de acesso às escolas e recursos tecnológicos, inadequação dos processos de aprendizagem à faixa etária, baixo rendimento, pouca participação ativa dos estudantes, necessidade de constante atualização tecnológica e evasão. Certamente, assim como no contexto pandêmico, se faz necessário que este estudante da EJA tenha as ferramentas e o apoio institucional adequados para enfrentar esse desafio.

Nesse sentido ressalto a experiência promovida pelo Serviço Social do Comércio (SESC) na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em todas as regiões do país, que pressupõe um modelo híbrido, aperfeiçoando práticas da experiência remota que se difundiu no período da pandemia, mas ao mesmo tempo garantindo as vantagens historicamente consolidadas da educação presencial. Com carga total de 1200 horas, distribuídas em 3 semestres letivos (18 meses) parte da grade curricular é remota através de um Ambiente Virtual de Aprendizagem e parte é presencial com

o estudante comparecendo em um dos polos do SESC estabelecidos para a EJA EaD no seu estado. O SESC EaD EJA é gratuito, permitindo o acesso a pessoas de baixa renda e ainda promove uma capacitação diferenciada à medida que o estudante faz, juntamente com a formação regular do Ensino Médio, a Qualificação Profissional em Produção Cultural, garantindo uma excelente instrumentalização para este mercado de trabalho.

Dentro da perspectiva inclusiva da iniciativa, além da gratuidade e formação diferenciada, a opção pelo modelo híbrido é outro ponto que tende a favorecer aos estudantes que são trabalhadores e nem sempre estão disponíveis para uma jornada regular vinculada presencial em um determinado horário, a medida que o Ambiente Virtual de Aprendizagem, que contém todo o material didático, com videoaulas, slides, exercícios dentre outras atividades, está disponível 24 horas do dia garantindo a flexibilidade necessária para este público alvo. Certamente, como ressaltado anteriormente diversas vezes neste trabalho como problemática do modelo remoto, a dificuldade de orientação e estímulo para o estudante à distância é minimizada com a possibilidade de contato, via troca de mensagem, com seu tutor, garantindo interação e esclarecimento, além dos fóruns de dúvidas e contato com outros estudantes. Neste modelo, assim como nos outros descritos neste trabalho, uma tutoria disponível e atuante é fundamental para o sucesso do estudante no ensino remoto.

Em relação ao momento presencial, pilar histórico da educação, e que neste modelo é obrigatório, uma vez por semana, evidencia-se, para além dos ganhos de sociabilidade, cognitivo, dentre outros que existem no contato direto com o professor/tutor e com os colegas de turma, outra possibilidade inclusiva que é o uso de computadores disponíveis no polo, para acessar o Ambiente Virtual de Aprendizagem. Cabe ressaltar que os estudantes, que são milhares nesta ação, têm acesso gratuito às atividades de cultura, esporte e lazer oferecidos pelo SESC nos estados participantes. Mais uma vez fica evidente que a robustez e capilaridade da instituição coopera para a realização de tal missão.

Com mais esse exemplo percebemos como a Educação à Distância avança e se aperfeiçoa gerando novos modelos, em diferentes contextos, para possibilitar a democratização do ensino permitindo a inclusão social de estudantes de diversas

camadas sociais e perfis etários. Espera-se assim, com o uso de recursos humanos capacitados e bem remunerados, e também com recursos tecnológicos avançados, porém de fácil manipulação pelos alunos, mitigar os danos de políticas públicas pretéritas, contextos emergenciais, tal como a pandemia do Covid -19, e situações da vida que desestimulem os estudantes ou os retire da educação básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha proposta nasceu a partir da reflexão e problematização do atual contexto educacional mundial fruto da pandemia de Covid-19. Eu mesmo, como mestrando me deparei e fui vítima deste cenário, visto que no início do meu mestrado se iniciou os protocolos restritivos, em função da pandemia de Covid-19. Infelizmente me vi alijado do convívio presencial, porém consegui o respaldo e acompanhamento da minha instituição de ensino, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que providenciou o uso de plataformas de ensino e aulas síncronas, atendendo, dentro do contexto emergencial, àquela demanda. Sendo assim escrevi este trabalho não somente como observador, mas também como indivíduo atingido diretamente por essa situação como estudante e professor.

Para fundamentar com dados esse trabalho me debrucei sobre pesquisas realizadas com estudantes do Polo Educacional Sesc, inseridos na Escola Sesc de Ensino Médio, de escolas públicas apoiadas e da nossa Educação de Jovens e Adultos. Utilizando essa rica base de informações coletadas junto a estudantes de todas as regiões do Brasil procurei não somente traçar um painel sobre os impactos da pandemia de Covid-19 nos sistemas educacionais dos diversos estados no Brasil e em nossos jovens, mas também apontar caminhos e soluções a partir das experiências desenvolvidas pelo Polo Educacional Sesc, como os nossos próprios estudantes e também para estudantes oriundos de escolas públicas, e na manutenção das atividades e escolaridade gratuita da Escola Sesc de Ensino Médio, a partir do recorte desse universo de estudantes que representam diferentes realidades do Brasil.

Com essa pesquisa percebi que devemos destacar a necessidade de uma ampliação de possibilidades e entendimento do uso de novas tecnologias, principalmente videoaulas e plataformas educacionais, para favorecimento do desenvolvimento cognitivo dos discentes e evolução profissional dos docentes em meio às expectativas da sociedade e do Estado. Sempre é importante destacar que o professor tem um papel fundamental e primordial nesse processo e que recursos tecnológicos são ferramentas de apoio à ação docente.

Como cenário para a minha análise vislumbrei os impactos de uma pandemia global como a da Covid-19 que em si concentra muitas representações simbólicas e reflexos na educação mundial e, dentro do recorte dessa pesquisa, o quadro brasileiro a partir de uma escola que trabalha com alunos de diferentes regionalidades. A pandemia da Covid-19, que impactará, por tempo indeterminado e de maneira inédita, a presença humana no planeta, será um marco, também, na história da Educação.

A crise global que interrompeu, criou ou acelerou tantas tendências sociais, influenciou diretamente a Educação e veio para se tornar um potencial estimulador das diferenças de oportunidades de aprendizagem de qualidade para alunos pobres e ricos, de redes públicas e privadas nas diferentes regiões do país. Tão logo as escolas foram fechadas, estabeleceu-se um debate sobre o conceito de Educação a distância, que não se resume à educação remota, e muitas instituições chegaram a se posicionar contra essa oferta. À medida que a pandemia da Covid-19 se alastrava, por todos os estados brasileiros, ficava claro que os governos municipais, estaduais e o Federal teriam de se preparar para um retorno às aulas complexo e inédito, tanto em forma quanto em escala, sem se esquecer de que seria necessário investir financeiramente, tanto em recursos tecnológicos como também em materiais impressos a serem distribuídos aos alunos, seja entregue em casa ou oferecidos nas próprias escolas. Logicamente, também ficou evidente a importância da intensiva formação dos professores para esse momento, seja no uso de ferramentas tecnológicas, seja para o acolhimento dos alunos.

Concluindo, destaco que o desafio da pandemia de Covid-19 e todas as situações complicadas que ela trouxe para o magistério, me fez, mesmo que a força, me tornar um profissional mais capacitado e mais sensível às questões cognitivas dos meus alunos. Conforme dito anteriormente, se as instigações deste período como estudante do Mestrado me levaram a repensar toda a minha dinâmica de aprendizagem, enquanto professor, que deveria cumprir papel semelhante junto aos meus alunos, tive que reorganizar todas as minhas práticas, metodologias e postura

de ensino e para além disso investi intensamente na minha capacitação, individualmente ou através das instituições que trabalho, a fim de ter maior fluência tecnológica para atender meus alunos da melhor forma. Como produto final deste trabalho confeccionei um Guia de Elaboração de Videoaulas, com alguns passos básicos para gravar, editar e postar videoaulas. Certamente acredito ter me tornado uma pessoa e um profissional melhor diante dessa adversidade global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. São Paulo: Associação Brasileira de Educação à distância 85, 2011.
- Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020. São Paulo: Moderna, 2020.
- BACICH, Lilia, et.al. Ensino Híbrido: Personalização e tecnologias na educação. Porto Alegre. Penso, 2015.
- BATES, T. Educar na era digital [livro eletrônico]: design, ensino e aprendizagem. 1. ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- _____. Modernidade líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BERNARDO, Viviane. Educação a distância: fundamentos. Universidade Federal de São Paulo UNIFESP. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/232673965_Educacao_a_Distancia_Fundamentos_e_Guia_Metodologico>. Acesso em: 23 mai. 2022.
- BRASIL. Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o artigo 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 25 jan. 2010.
- BRASIL. Decreto 5.773 de 9 de maio de 2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 10 maio 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5773.htm>. Acesso em: 25 jan. 2010.
- BRASIL. Decreto 6.303 de 12 de dezembro de 2007. Altera dispositivos dos Decretos nos 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que estabelece as diretrizes e bases da

educação nacional, e 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 13 dez. 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5773.htm>.

Acesso em: 25 jan. 2010.

BRASIL. Portaria Nº 10, de 02 de julho de 2009. Fixa critérios para dispensa de avaliação in loco e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 03 jul. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/portaria10_seed.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2010.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei Federal 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25. Jun. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 17/02/2020.

BRASIL. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE). Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2001c.

CASTELLS, Manuel. Comunidades Virtuais ou Sociedade de Rede? A Galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DE ALMEIDA, Juniele Rabêlo; DE OLIVEIRA ROVAI, Marta Gouveia. Introdução à história pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. 2^aed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001

FERREIRA, André (Org.) Educação Híbrida. RJ: Escola Sesc de Ensino Médio, 2017. (Coleção Formação Docente)

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOUVÊA, G.; C. I. OLIVEIRA. Educação a Distância na formação de professores: viabilidades, potencialidades e limites. 4. ed. Rio de Janeiro: Vieira e Lent. 2006.

- LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1997.
- LEAL, Bruno. A narrativa histórica é antes de tudo um produto de comunicação.[entrevista concedida à Cristiane d'Avila]. Observatório História e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, 2021
- LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA, Juniele R.; ROVAL, Marta G. de O. (orgs.). Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2009. p. 31-52.
- LIDDINGTON, Jill; DITCHFIELD, Simon. “Public History: A Critical Bibliography”. *Oral History*, v. 33, n. 1, 2005, p. 40-45.
- LUCCHESI, Anita. Digital history e storiografia digitale: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011). Dissertação (Mestrado em História Comparada) – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2014.
- _____. História Digital. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Q17Gcz5J9So>> Acesso em 17/04/2021.
- MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Rev. Bras. Hist. [online]*. 2017, vol.37, n.74, pp.135-154. Epub Apr 27, 2017.
- _____. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a história?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 15, p. 27-50, agosto, 2014.
- MAIA, C.; J. MATTAR. ABC da EaD: a Educação a Distância hoje. 1. ed. São Paulo: Pearson. 2007. MARCONCIN, M. A. Desenvolvimento histórico da Educação a Distância no Brasil. Disponível em: . Acesso em: 10 maio 2010.
- MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete Instituto Monitor. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midamix Editora, 2008. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/instituto-monitor/>>. Acesso em 25 mai 2022.
- MOGADOURO, Cláudia Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta). Tese de doutorado. ECA-USP, 2011. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-23092011-174020/pt-br.php>

MOGADOURO, Cláudia. Cinema Educativo – Saiba o porquê dos filmes educacionais terem a imagem de entediantes. 2014. Disponível em: <<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/opiniao/cinema-educativo/>>. Acesso em 11 de set de 2022.

MORAN, José Manuel “Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas.” In: MORAN, J. M., MASETTO, M. T. & BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, p.11-65, 2004.

_____. Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: _____. O que é educação a distância. 2002. Disponível em: <http://www.escolanet.com.br/sala_leitura/oqead.html>. Acesso em 27/02/2022.

NARDON, F. A relação interpessoal dos adolescentes no mundo virtual e no mundo concreto. Trabalho de Conclusão de Curso. Criciúma: Curso de graduação em Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2006.

PACHECO, Mariana do Carmo. Guia Rápido: Novo Acordo Ortográfico. Português, 2016. Disponível em:<<https://www.portugues.com.br/gramatica/guia-rapido-novo-acordo-ortografico.html>>. Acesso em 20 de nov. de 2020.

PIAGET, Jean; Psicologia WALLON, Henry. Psicologia e Educação da Infância. Ed. Lisboa: Estampa, 1972.

PRADO, Adriana. Vivemos tempos líquidos, nada é para durar. 2010. Disponível em: <https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+>. Acesso em 22 de nov, de 2020.

RODRIGUES, M. Universidade Aberta do Brasil. Disponível em: <<http://www.vestibular.brasilescola.com/ensino-distancia/universidade-aberta-brasil.htm>>. Acesso em: 10 maio 2010.

SANTOS, P. SEED – Secretaria de Educação a Distância. Disponível em: <<http://www.moodle.ufba.br/mod/forum/discuss.php?d=11962>>. Acesso em: 10 maio 2010.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. BARCA, Isabel. REZENDE, Estevão. Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: UFPR, 2011.150p. SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2006

TOKARNIA, Mariana. Saúde do professor está ligada a boas condições de trabalho, diz CNTE, 2015. Disponível

em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-10/saude-do-professor-esta-ligada-boas-condicoes-de-trabalho-diz-cnte#>. Acesso em 12 jul. 2020.

TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. *Tempo* [online]. 2018, vol.24, n.2, pp.186-205.

VASCONCELOS, J.S. A Educação a Distância/ EAD e o Contexto Educacional Brasileiro. Pós-LD. In: Silva, M. V; MARQUES, M.R.A. (Orgs.) LDB: Balanços e Perspectiva para a Educação Brasileira. Campinas: Alínea, 2008. P. 205 – 224.

ANEXO

GUIA BÁSICO PARA ELABORAÇÃO DE VIDEOAULAS

GUIA BÁSICO PARA ELABORAÇÃO DE VIDEOAULAS

PROF. DANIEL DIAS

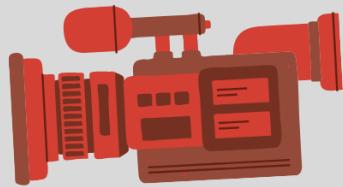


UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

Este Guia Básico para Elaboração de Videoaulas é parte integrante da dissertação de Daniel Dias de Souza apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ProfHistória UFRJ) sob orientação do professor Fernando Castro

RIO DE JANEIRO
DEZEMBRO / 2023

GRAVAÇÃO E EDIÇÃO



No momento da gravação é fundamental estar atento aos seguintes aspectos:

- É importante que não exista muita poluição visual no **cenário** (virtual ou não), alguns apetrechos são benvindos para dar personalidade ao vídeo, mas nada de exagero para não tirar a atenção de quem está assistindo.



- A **luz** deve ser adequada para que a pessoa veja claramente você, até por que a leitura labial e gestual ajuda na compreensão, mas não deve ser tão forte a ponto de tirar a atenção da pessoa. Use um tom de iluminação direta em você, evite vários focos de luz e, principalmente em tonalidades diferentes.
- O **espaço** deve ser silencioso;
- A captação do seu **áudio** (com microfone externo ou embutido na câmera) deve ser audível e clara.

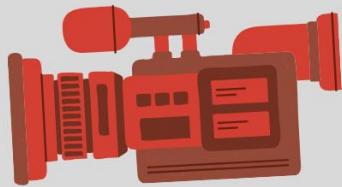


- O **roteiro** é um ponto central, por mais que acredite na sua capacidade de improvisação e espontaneidade, um roteiro bem feito é garantia que sua videoaula terá início, meio e fim coerentes com o conteúdo sendo passado de forma clara e não repetitiva, possibilitando a plena compreensão de quem assistir.

- A **edição** é uma parte importante deste processo. É aquele momento em você vai cortar os erros, organizar a minutagem, colocar uma introdução (de produção própria ou retirada da internet) e finalizar seu vídeo. Atualmente existem diversos aplicativos, sites e programas gratuitos para edição disponíveis.



GRAVAÇÃO E EDIÇÃO



Este guia se basea na minha experiência produzindo videoaulas. Durante a pandemia eu produzi e armazenei meus videos em um canal do Youtube chamado História com Prof. Daniel Dias.



Normalmente, nas minhas videoaulas, gosto de utilizar slides e imagens para facilitar a compreensão dos espectadores, afinal a maioria deles está estudando o assunto e quer fazer anotações e buscar referências visuais.



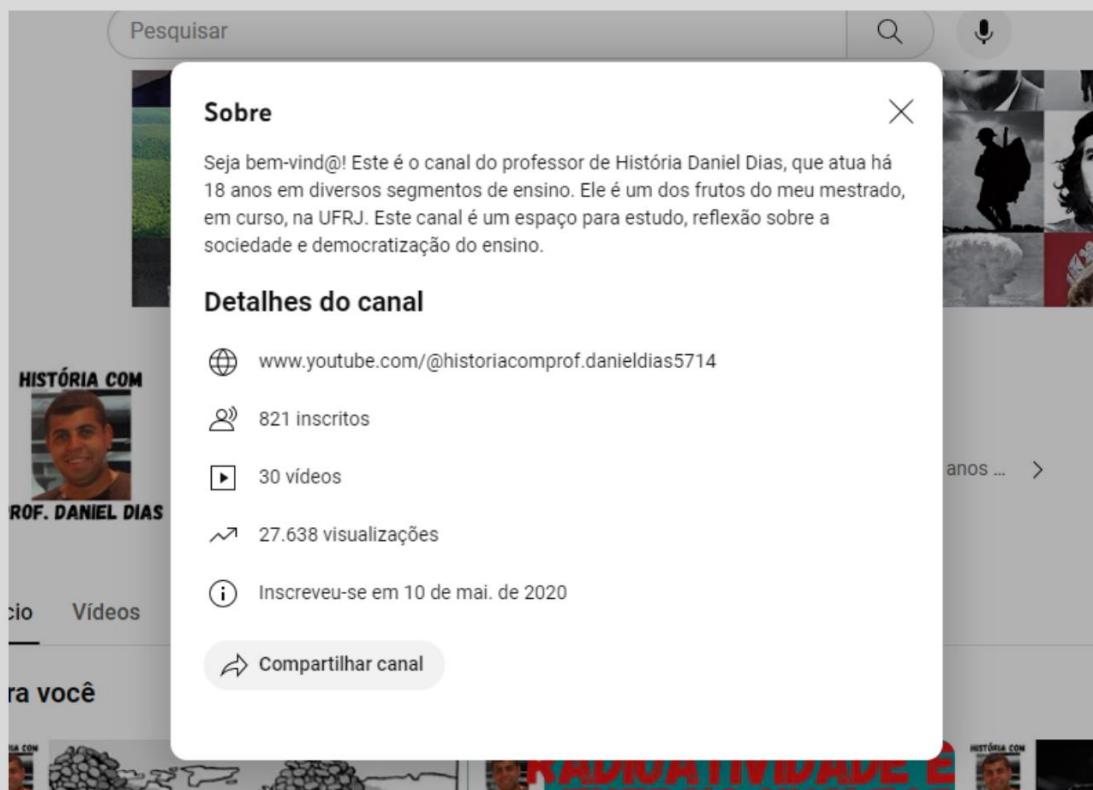
Mas é importante destacar que cada produtor de conteúdo vai encontrar seu melhor posicionamento e métodos de acordo com que pretende. Abaixo temos algumas opções.



3

POSTAGEM

Conforme já abordei anteriormente eu escolhi a plataforma YouTube, em 2020, como repositório para minhas videoaulas em função da praticidade (para quem posta e para quem assiste), da facilidade de acesso e intuitividade no manejo.



Existem outras boas plataformas como Vimeo e, em alguns casos a postagem vai ter que ser feita sem link, postando diretamente na plataforma educacional. Como sempre, fica a critério de quem está postando escolher a melhor alternativa. Para postar um vídeo no YouTube primeiro deve criar um e-mail no Google (gmail) e posteriormente acessar o menu principal (Google Apps), clicar em YouTube e depois no seu ícone para acessar seu canal ou em YouTube Studio para configurar e ver as estatísticas do seu canal. A partir do botão Criar tudo é muito intituitivo.

POSTAGEM



1

Olá, História com Prof. Daniel Dias

Gerencie suas informações, privacidade e segurança para que o Google atenda suas necessidades.

Privacidade e personalização

Veja os dados na sua Conta do Google

YouTube

Play

Maps

Pesquisa

Contato

Gmail

Meet

Notícias

Chat

2

Acessar seu canal

Contas do Google

Alternar conta

Sair

YouTube Studio

3

Enviar vídeos

Transmitir ao vivo

Criar postagem

Nova playlist

Novo podcast

Em relação às estatísticas o YouTube é bem preciso detalhando dados sobre visualizações, horários, locais de acesso e até mesmo gênero de quem assistiu seu vídeo, dentre outras informações.

YouTube Studio

Visão geral

Conteúdo

Público

Pesquisa

HISTÓRIA COM

PROF. DANIEL DIAS

Seu canal

História com Prof. Daniel Dias

Painel

Conteúdo

Analytics

Comentários

Visualizações

27,6 mil

Tempo de exibição (horas)

1,4 mil

Inscritos

+821

300

200

10 de mai. de 2020 – 27

Todo o período

Conteúdo

Origem do tráfego

País

Cidades

Idade do espectador

Gênero do espectador

Data

Status da inscrição

Mais

Este guia básico se propõe a ajudar professores iniciantes na gravação e postagem de videoaulas. Em buscas na internet é possível obter informações mais detalhadas. Espero ter ajudado! Boas aulas!

Daniel Dias de Souza

5